

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PERMACULTURA

Kelli Buss

A Permacultura e os Quintais Produtivos das Mulheres Camponesas em Santa Catarina

Florianópolis

2022

Kelli Buss

A Permacultura e os Quintais Produtivos das Mulheres Camponesas em Santa Catarina

Trabalho Conclusão do Curso de Especialização em Permacultura da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção título de Especialista em Permacultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Marília Carla de Mello Gaia

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Buss, Kelli
A Permacultura e os Quintais Produtivos das Mulheres
Camponesas em Santa Catarina / Kelli Buss ; orientador,
Marília Carla de Mello Gaia, 2022.
68 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, , Curso de Especialização em Permacultura,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1.Design permacultural. 3. Movimento de Mulheres
Camponesas. 4. Agroecologia. 5. Soberania Alimentar. I.
Gaia, Marília Carla de Mello . II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Especialização em Permacultura. III. Título.

Kelli Buss

A Permacultura e os Quintais Produtivos das Mulheres Camponesas em Santa Catarina

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Especialista em Permacultura” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Especialização em Permacultura.

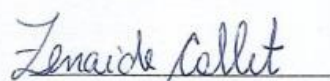
Florianópolis, 06 de maio de 2022.

Prof. Dr. Arthur Schmidt Nanni
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a Marília Carla de Mello Gaia
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Dr^a. Renata Palandri Sigolo
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof^a. M^a Zenaide Collet
Avaliadora
Movimento de Mulheres Camponesas

Este trabalho é dedicado à minha família e a todas as mulheres que diariamente ousam desafiar o sistema e suas amarras.

Dedico em especial, as minhas avós Albertina (*in memoria*) e Maria e a minha mãe Cecília, camponesas, guardiãs de inúmeros saberes compartilhados comigo em longas conversas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, a minha mãe Cecília e ao meu pai Tarcísio, assim como meu irmão Edivan, que mesmo eu estando distante fisicamente, sempre torceram e me incentivaram a buscar pelo conhecimento.

Agradeço, a cada mulher guerreira, CAMPONESA, do Movimento de Mulheres Camponesas, Movimento esse que me acolheu, em especial, as participantes da construção deste trabalho. Que ousamos desafiar ainda mais o sistema, e lançar as sementes da busca de um mundo mais humano, solidário e fraterno.

Ao Antony, pelo companheirismo, contribuições, amor e paciência, que passamos diariamente juntos.

À minha professora, orientadora e amiga Marília Gaia, pelo aceite dessa missão em meio a todas suas inúmeras tarefas como educadora e mulher, por toda paciência, conversas, amizade e incentivo para a continuação dos estudos, e não só este, em específico.

Agradeço a Zenaide e a Renata por aceitarem compor minha banca, pela paciência e as contribuições a este trabalho.

Agradeço em especial à Shirley, Catharina e a Raquel, pela amizade e acolhimento durante a pandemia.

A todo corpo docente do Curso de Especialização em Permacultura e aos colegas de turma, pelo compartilhamento de seus conhecimentos.

Por fim agradeço a todos que de uma forma ou outra me ajudaram na elaboração deste trabalho.

SEMEIA SEMPRE

No campo tu és uma semeadora.

Não podes fugir a responsabilidade de semear.

Não digas que o solo é árido, que não chove frequentemente,

Que o sol queima, que a semente não serve.

Não é tua função julgar a terra e o tempo.

Tua missão é semear e cuidar.

Não semeies descuidadamente como quem cumpre uma missão superficial ou
forçada.

Semeie com interesse, com amor, com atenção, como quem encontrou nisso o
motivo central da sua felicidade.

És a dona de ti mesma, da vida e do universo!

Tua semente, pois não cairá no vazio,
sem encontrar solo fértil da organização,
da luta daqueles que acreditam na vida.

Semeia, semeia sempre, em todo o terreno, em todo o lugar a boa semente, com amor
e interesse como se estivesses semeando o próprio coração.

(Extraído da cartilha do MMC, AUTOR DESCONHECIDO, ano desconhecido)

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar as possíveis contribuições da Permacultura aos quintais produtivos das Mulheres Camponesas, organizadas dentro do Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina (MMC/SC). Para atingir este objetivo foram realizadas leituras e pesquisas em materiais sobre as mulheres camponesas e a Permacultura, com o intuito de sistematizar as questões teóricas voltadas ao tema. Realizou-se também, pesquisas de campo através de um formulário eletrônico, a fim de obter os dados e as percepções das mulheres em relação aos seus quintais e a Permacultura. Busca-se então, trazer ao leitor(a) uma breve apresentação sobre o surgimento da Permacultura e do Movimento de Mulheres Camponesas e como resultados, apresentamos as contribuições da Permacultura, em especial, do *design permacultural*, aos quintais das mulheres.

Palavras-chave: Design permacultural; Movimento de Mulheres Camponesas; Agroecologia; Soberania Alimentar.

ABSTRACT

This present work purposes to analyze the possible contributions of Permaculture to productive backyards from peasant women, organized within the Peasant Women's Movement in Santa Catarina (MMC/SC). To achieve this goal were realized readings and researches in materials about the peasant women and the Permaculture, with the aim of systematizing the theoretical questions focused on the theme. A field research was also carried out through an electronic form, in order to obtain women's data and perceptions regarding the backyards and Permaculture. The aim is to bring the reader a brief presentation about the emergence of Permaculture and the Peasant Women's Movement and as a result, we present the contributions of Permaculture, in particular, of permaculture design, to women's backyards.

Keywords: Keyword 1. Permaculture design. Keyword 2. Peasant Women's Movement. Keyword 3. Agroecology. Keyword 4. Food Sovereignty.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização geográfica dos municípios	19
Figura 2 - Flor da Permacultura.....	23
Figura 3 – Éticas e princípios da Permacultura	25
Figura 4 - Uma possibilidade de metodologia para o design permacultural.....	28
Figura 5 - Planejamento por setores.....	32
Figura 6 - Planejamento por zonas	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tempo de participação no movimento.....	20
Quadro 2 - Comparação área quintal e área total da propriedade.....	53
Quadro 3 - O que você produz no seu quintal?	53
Quadro 4 - Técnicas utilizadas pelas mulheres nos seus quintais.....	55
Quadro 5 - Permacultura para as Mulheres Camponesas.....	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEBs Comunidades Eclesiais de Bases
CED Centro de Ciências da Educação
COVID-19 *Coronavirus disease 2019* (doença do Coronavírus 2019)
CPT Comissão Pastoral da Terra
CUT - Central Única dos Trabalhadores
E1 entrevistada 1
E2 entrevistada 2
E3 entrevistada 3
E4 entrevistada 4
E5 entrevistada 5
E6 entrevistada 6
E7 entrevistada 7
EDC Departamento de Educação do Campo
IPOEMA Instituto de Permacultura: Organização, Ecovilas e Meio Ambiente
MMA Movimento de Mulheres Agricultoras
MMC Movimento das Mulheres Camponesas
MMC/SC Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina
OMA Organização das Mulheres Agricultoras
SAI Serviço de Apoio e Informação
SC Santa Catarina
TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	OS PRIMEIROS PASSOS... ..	17
1.1.1	Hipótese	17
1.1.2	Objetivo geral.....	17
1.1.3	Objetivos específicos.....	17
1.1.4	Metodologia	18
<i>1.1.4.1</i>	<i>Caracterização das mulheres participantes da pesquisa.....</i>	<i>19</i>
2	A PERMACULTURA	21
2.1	ORIGEM.....	21
2.2	ÉTICAS E PRINCÍPIOS	22
2.3	DESIGN PERMACULTURAL.....	25
2.3.1	Leitura de paisagem	28
2.3.2	Mapeamento de setores e zonas.....	31
3	O MOVIMENTO DAS MULHERES CAMPONESAS - MMC	36
3.1	AS PRIMEIRAS SEMENTES	36
3.2	OS SÍMBOLOS E AS BANDEIRAS DE LUTAS DO MOVIMENTO.....	45
3.3	OS QUINTAIS PRODUTIVOS	47
4	OS QUINTAIS PRODUTIVOS DAS MULHERES CAMPONESAS E A PERMACULTURA.....	51
4.1	RELACIONANDO OS QUINTAIS PRODUTIVOS DAS MULHERES DO MMC-SC AOS PRINCÍPIOS DA PERMACULTURA	51
4.2	CONTRIBUIÇÕES DA PERMACULTURA AO MOVIMENTO	58
5	CONCLUSÃO.....	60
	REFERÊNCIAS.....	62
	APÊNDICE A – Formulário online com as perguntas.....	64
	APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	66

1 INTRODUÇÃO

Pensar a Permacultura e aproximá-la aos quintais produtivos das mulheres camponesas é pensar em uma nova forma de olhar o meio ao qual estamos inseridos, e buscar trabalhar em harmonia com o meio ambiente. É, ainda, ter um olhar sensível ao cuidado com o próximo, com os alimentos, com as águas, com a natureza, enfim, com os recursos naturais do nosso planeta. Para Zimmermann e colaboradores (2015, p. 22), a Permacultura é “um conjunto de práticas que reúne os conhecimentos ancestrais e tecnologias modernas para uso sustentável dos recursos naturais e permanência humana no planeta.”

Os autores ainda ressaltam que:

A Permacultura surgiu na década de 1970, na Austrália, como alternativa aos acelerados processos de degradação dos recursos naturais. O termo foi criado por Bill Mollison em parceria com David Holmgren ao observarem a degradação de alguns sistemas naturais e ao se proporem a observar, estudar e compilar outras formas de ocupação humana no planeta. (ZIMMERMANN, et al, 2015, p. 21).

Ao utilizar e trabalhar com a Permacultura, buscamos a otimização e organização dos espaços e do uso da energia, pois “na Permacultura, a sistematização dos passos para a construção de sistemas sustentáveis é denominado *design permacultural*” (ZIMMERMANN, et al, 2015, p. 22). Assim, então, também podemos pensar em contribuições dessa proposta, aos quintais produtivos das mulheres camponesas integrantes do Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina, uma vez que, ao otimizar os espaços produtivos, o gasto energético de tempo para cultivo e manutenção dos mesmos se torna menor, possibilitando assim, que as mulheres destinem uma parte do seu tempo para outros afazeres, como, por exemplo, as lutas do Movimento.

O Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) é uma organização autônoma, criado por Mulheres do Campo que buscam soluções coletivas em torno de seus direitos, visando conquistas para a classe trabalhadora, em especial, para as mulheres. Em Santa Catarina, a primeira semente do Movimento tem sua origem na década de 1980, chamando-se Organização das Mulheres Agricultoras (OMA). E, a partir de 2004 se constitui como Movimento das Mulheres Camponesas, unificando as lutas ao Movimento Nacional (MMC, 2006). Tais lutas, envolvem a libertação das mulheres de todas as formas de opressão, violência e exploração; a luta pela construção do projeto popular de agricultura camponesa na perspectiva da Agroecologia e a luta pela transformação da sociedade.

A partir dessas lutas centrais, houve no MMC todo um debate de como no cotidiano das mulheres, podia-se avançar na construção do projeto popular de agricultura camponesa na perspectiva da Agroecologia. No estado de Santa Catarina, as mulheres, depois de um processo de estudo e análises, deliberaram pelo programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças (GASPARETO, 2017). Observa-se que as mulheres camponesas têm uma visão ampla de sementes envolvendo não só hortaliças, mas a diversidade de frutíferas, plantas e ervas medicinais, flores, pequenos animais, enfim, tudo o que faz parte da vida do campo. A grandeza desse trabalho contempla aspectos culturais¹, fazendo do entorno das casas um espaço de preservação e conservação de biodiversidade. Assim, podemos dizer que “os quintais produtivos agroecológicos estão se constituindo em espaços pedagógicos, verdadeiros laboratórios de aprendizado, troca de conhecimentos, produção de alimentos saudáveis e bem viver” (COLLET, BERNARTT, PIOVEZANA, 2015, p. 11734). Entre a prática e teoria, ou seja, ação-reflexão, as mulheres do MMC passam a partir de 2014 a denominar esse território do entorno da casa de quintal produtivo.

Dentro do Movimento, os quintais produtivos agroecológicos têm um papel fundamental no que diz respeito à produção de alimentos saudáveis, a recuperação e multiplicação de sementes crioulas, e da preservação da biodiversidade, e, busca em seu processo de produção transformar visões, valores, saberes e práticas, permitindo a geração de novos conhecimentos (BARROS, 2018, p. 52). Além disso, as mulheres fazem dele um espaço de resistência e luta contra os agrotóxicos, os monocultivos, os transgênicos, o patriarcado.

A partir da importância dos quintais produtivos para as mulheres do Movimento, surge a ideia desse presente trabalho de conclusão de curso na Especialização em Permacultura (Departamento de Educação do Campo / Centro de Ciências da Educação / Universidade Federal de Santa Catarina - EDC/CED/UFSC), que busca identificar possíveis contribuições da Permacultura, em especial do design permacultural, aos quintais produtivos das mulheres do Movimento. Para tal, foram feitos levantamentos de dados sobre os quintais, que por conta da pandemia de COVID-19, ocorreu através de um questionário online aplicado às mulheres camponesas, objetivando identificar possíveis aproximações da Permacultura aos quintais produtivos, bem como, as técnicas utilizadas, a área total, as variedades produzidas, entre outros dados, fornecidos pelas mulheres sobre seus quintais.

¹ Considera-se neste trabalho, aspectos culturais como sendo o conjunto de saberes, técnicas, tradições, costumes, modos de fazer/realizar algo ou determinada função, já existentes entre as gerações, ou seja, tudo aquilo que perdura entre as gerações e que se passa de mães para filhas.

Para além disso, essa escrita é ainda, um grande desejo pessoal de poder escrever sobre o MMC, Movimento este, que me acolheu e tem contribuído diariamente com minha formação enquanto mulher, camponesa e educadora.

A organização deste trabalho encontra-se disposta em 4 capítulos, que traz em seu 1 capítulo a Introdução, a hipótese, o objetivo geral e específicos e a metodologia. Já no capítulo 2 abordaremos sobre a Permacultura, as éticas e princípios e o design permacultural. O capítulo 3 faz uma breve descrição sobre a história do Movimento das Mulheres Camponesas, as bandeiras de lutas e finaliza contextualizando sobre os Quintais Produtivos e como se constrói essa concepção. E por fim, no capítulo 4, falaremos sobre a importância dos quintais produtivos na vida das mulheres camponesas, e das possíveis aproximações da Permacultura aos quintais, dialogando sobre possíveis potencialidades e limites.

1.1 OS PRIMEIROS PASSOS...

Este item tem por objetivo situar o leitor/leitora sobre a hipótese inicial, o objetivo geral e específicos do presente trabalho, ou seja, as sementes iniciais desta escrita, bem como, localizar a pesquisa.

1.1.1 Hipótese

As mulheres camponesas utilizam conhecimentos aplicados nos quintais produtivos que podem estar relacionados à ética, princípios e fundamentos da Permacultura, devido aos seus constantes processos formativos desenvolvidos pelo MMC, além das experiências acumuladas como agricultoras e guardiãs de sementes.

1.1.2 Objetivo geral

Identificar e refletir sobre as contribuições da Permacultura aos quintais produtivos no Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina.

1.1.3 Objetivos específicos

- Caracterizar a Permacultura, éticas e princípios.

- Caracterizar o Movimento das Mulheres Camponesas em Santa Catarina e suas lutas.
- Contextualizar os quintais produtivos e identificar as práticas e técnicas utilizadas nos mesmos, por mulheres de Santa Catarina.
- Identificar possíveis contribuições da Permacultura aos quintais produtivos, e sugerir uma proposição de um *design permacultural* possível à realidade das mulheres camponesas.

1.1.4 Metodologia

Para caracterizar a Permacultura foram utilizados materiais de Zimmermann e colaboradores (2015), Mollison e Slay (1998); Holmgren (2013), dentre outros. Já para descrever sobre o Movimento de Mulheres Camponesas, a pesquisa bibliográfica teve por base os materiais já produzidos e/ou publicados pelo MMC e outros/as autores, relacionados à origem e aos quintais produtivos, como: Collet e Gaspareto (2021), Barros (2018), MMC (2006), Santos, Cima e Boni (2018), etc.

Em relação aos dados sobre os quintais produtivos e a identificação das técnicas utilizadas pelas mulheres, devido ao fato de ainda estarmos em situação de pandemia da Covid-19, o mesmo foi feito por meio de um questionário virtual que foi enviado às mulheres do Movimento. Foi ainda, solicitado às mulheres, o envio de fotos e mapas dos quintais, com objetivo de identificar a disposição e localização dos plantios no quintal, uma vez que o objetivo do design permacultural é reduzir (ter o mínimo possível) o gasto energético no processo de produção e manutenção.

A seleção das mulheres para a pesquisa foi feita juntamente com o coletivo das monitoras do Projeto Quintais Produtivos dentro do MMC em Santa Catarina, no qual, foram identificados e indicados os quintais que possuem diversificação de produção e utilizam ou possuem variadas técnica/s aplicadas em seu processo de cultivo. Foram, ao todo, 10 mulheres selecionadas, entretanto, apenas 7 participaram da pesquisa. A não participação das outras 3 se deu devido a demandas ligadas ao movimento, como formações, eventos, organização assembleias. A partir da indicação, as mulheres receberam um questionário, com algumas perguntas relacionadas ao seu quintal. No apêndice A, pode-se observar o questionário enviado. Além das perguntas, foi solicitado às mulheres que, se possível, enviassem registros fotográficos do seu quintal, e um mapa/desenho da propriedade

identificando o quintal e os cultivos no mesmo, porém nenhum mapa foi recebido e as fotos foram enviadas por 2 entrevistadas.

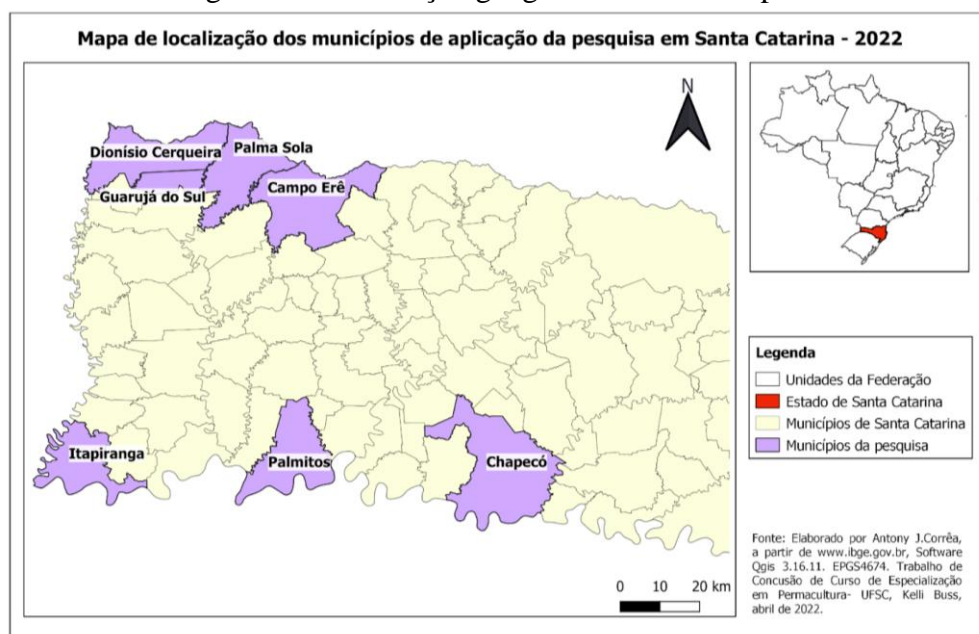
Importante ressaltar que o projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade e aprovado (CAAE: 56229622.2.0000.0121). Sendo assim, todas as mulheres convidadas a participar da pesquisa receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordando ou discordando da mesma. O mesmo se encontra no apêndice B.

1.1.4.1 Caracterização das mulheres participantes da pesquisa

Foram 10 mulheres convidadas a participar da pesquisa, e como já mencionado, anteriormente, apenas 7 conseguiram responder ao questionário. Neste trabalho, vamos manter sigilo em relação aos nomes das entrevistadas envolvidas. Portanto, atribuímos a cada uma, um código com letra e número, que foi dado, conforme recebimento das respostas pelo questionário *on-line*, sendo assim, ao primeiro recebimento, nomeamos E1 (entrevistada 1), ao segundo, E2 (entrevistada 2), e assim sucessivamente até a E7 (entrevistada 7), sendo este, o sétimo e último recebimento do questionário.

As mulheres que responderam à pesquisa têm seus quintais produtivos localizados em municípios da região Oeste de Santa Catarina (berço da origem do Movimento em SC), conforme podemos observar na figura 1 abaixo, em que estão destacados os municípios de residência das entrevistadas.

Figura 1 - Localização geográfica dos municípios



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Em relação ao tempo de participação no Movimento, o mesmo varia de 4 anos até 38 anos. Assim observamos, que enquanto há mulheres recém aconchegadas no MMC, há também, as mulheres pioneiras, que estão no processo de luta desde a origem até os dias atuais. O quadro abaixo, sinaliza o tempo de participação de cada uma das entrevistadas.

Quadro 1 - Tempo de participação no movimento

NOME	MUNICÍPIO	TEMPO PARTICIPAÇÃO MMC
Entrevistada 1 - E1	Campo Erê - SC	18 anos
Entrevistada 2 - E2	Guarujá do Sul - SC	22 anos
Entrevistada 3 - E3	Chapecó - SC	38 anos
Entrevistada 4 - E4	Dionísio Cerqueira - SC	13 anos
Entrevistada 5 - E5	Palma Sola - SC	Desde 1986 - 36 anos
Entrevistada 6 - E6	Palmitos - SC	Participo desde o ano de 1985 - 37 anos
Entrevistada 7 - E7	Itapiranga - SC	4 anos

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

2 A PERMACULTURA

Neste capítulo, o objetivo é discorrer sobre a Permacultura, sua origem, as três éticas, seus doze princípios e por fim, abordar o *design permacultural*.

2.1 ORIGEM

A Permacultura busca nos reconectar ao planeta, ou seja, busca melhorar ou restabelecer a relação do Ser Humano com o ambiente. Conforme Holmgren (2013, p. 33) “a palavra Permacultura foi cunhada por Bill Mollison e eu em meados dos anos 1970 para descrever um ‘sistema integrado, em evolução, de espécies animais e vegetais perenes ou autopropagadoras úteis ao homem’”. Portanto, a Permacultura surge na década de 1970, na Austrália, proposta por Bill Mollison e David Holmgren.

Ainda segundo Mollison e Slay (1998, p. 13), “a Permacultura é um sistema de *design* para a criação de ambientes humanos sustentáveis” e os mesmos autores, afirmam, que “a Permacultura é baseada na observação de sistemas naturais, na sabedoria contida em sistemas produtivos tradicionais e no conhecimento moderno, científico e tecnológico” (MOLLISON E SLAY, 1998, p. 13). Sendo assim, a Permacultura visa um sistema de produção não estático, mas sim, permanente no tempo e espaço, parecida com os ciclos naturais da natureza.

Já em relação ao termo permacultura, ele vem de *permanent agriculture* (agricultura permanente). E, esse conceito de agricultura permanente, se expande com o passar dos anos para uma cultura permanente, incluindo e envolvendo fatores sociais, econômicos, sanitários, ecológicos, habitacionais, etc., com objetivo de desenvolver uma ciência holística para o planejamento de ambientes. Para Mollison e Slay,

A palavra em si não é somente uma contração das palavras **permanente** e **agricultura**, mas também de **cultura permanente**, pois culturas não podem sobreviver muito sem uma base agrícola sustentável e uma ética do uso da terra. Em primeiro nível, a Permacultura lida com as plantas, animais, edificações e infra-estruturas (água, energia, comunicações). Todavia, a Permacultura não trata somente desses elementos, mas, principalmente, dos relacionamentos que podemos criar entre eles por meio da forma em que os colocamos no terreno. (1998, p. 13)

Pensamos, então, a Permacultura como uma ciência socioambiental de planejamento de assentamentos humanos autossustentáveis, que evoluem naturalmente em relacionamentos dinâmicos e renováveis com o ambiente ao seu redor. Para Henderson,

O conceito de Permacultura é considerado um conceito dinâmico, pois desde seu surgimento, novas alterações são constantemente feitas: inicialmente um sistema de agricultura sustentável, que posteriormente recebeu contribuições da arquitetura, da biologia, das ciências florestais e da zootecnia. Mais tarde, englobou-se a economia, estratégias financeiras e de negócios, de modo que pode ser considerado um “sistema humano completo”. (2012, p. 16).

Pensar em Permacultura, é também pensar nos ciclos da vida. E, pensar nos ciclos, nos remete a refletirmos sobre como lidamos no nosso cotidiano, com os mesmos. Diariamente, estamos submetidos a fazer escolhas e quais escolhas fazemos? Pensando em alimentos, e quais alimentos escolhemos para consumir? Será que refletimos de onde eles veem? Quem os produz? Como estes alimentos chegam à nossa mesa?

Em suma, reflito com a síntese proposta por Fagundes e Costa,

Permacultura, em síntese, é a execução de práticas agrícolas presentes no cotidiano diário de povos e comunidades tradicionais com soluções modernas. O conceito objetiva estabelecer um desenho planejado, para promover uma maior sustentabilidade dos ecossistemas locais e prega, acima de tudo, uma práxis diária a fim de colocar mulheres e homens como agentes transformadores de suas realidades. (2021, p. 553)

E se somos agentes transformadores de nossas realidades, temos então, o poder de realizar escolhas. E, cabe a nós, escolhermos qual caminho vamos seguir, e, conseqüentemente, quais são os ônus e bônus destas escolhas.

2.2 ÉTICAS E PRINCÍPIOS

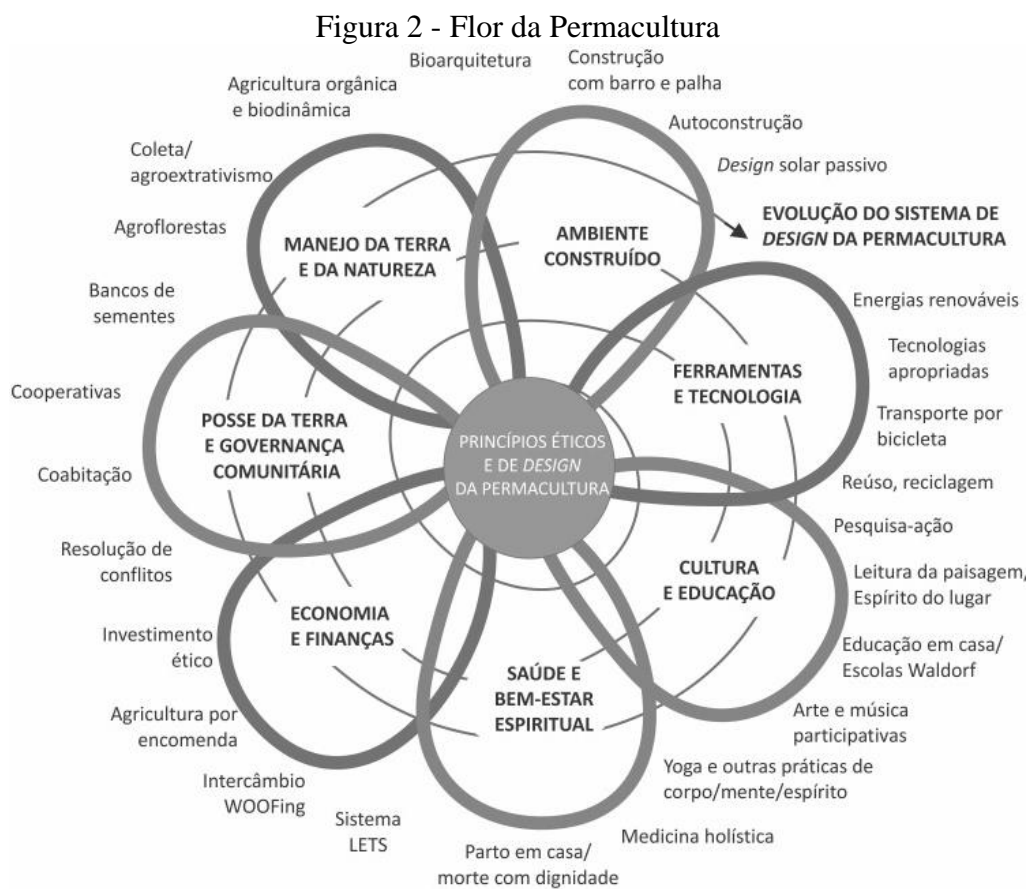
Ao discorrermos sobre as éticas e princípios, podemos refletir e tomar como ponto de partida, algumas perguntas: Quais são as minhas e as suas necessidades? O que você precisa para viver? Qual sua filosofia de vida? O que você considera certo? E, o que considera errado? Quais cuidados você tem em relação a você? E, em relação ao outro? E, ainda, em relação ao meio ao qual está inserido?

Pensar e refletir sobre nossa conduta no cotidiano está intrinsecamente associada à maneira como interferimos no meio ambiente. Para Zimmermann *et al*, “ (...) a base da Permacultura é o cuidado! O cuidado está estritamente conectado ao modo de relacionamento entre as pessoas e o ambiente de maneira afetiva, saudável, colaborativa e justa. Por isso, na Permacultura a cooperação é uma das palavras-chave! ” (2015, p. 26). Já para Holmgren, 2013, p. 33, a Permacultura “ (...) reúne diversas ideias, habilidades e modos de vida que precisam ser redescobertos e desenvolvidos para nos dar o poder de passarmos de consumidores dependentes para cidadãos responsáveis e produtivos. ”

Sendo assim, podemos pensar e associar a palavra cuidado à forma como lidamos com as situações que vivenciamos diariamente. Todos os seres humanos possuem necessidades e são guiados por princípios éticos. Para Mollison e Slay, 1998, p. 15, "ética é um conjunto de crenças e atitudes morais em relação à sobrevivência em nosso planeta". Na Permacultura, conforme nos trazem Fagundes e Costa (2021, p. 553-554) apoiados em Mollison e Slay (1998),

(...) a ética abrange três áreas: a primeira preconiza o “cuidado com o planeta Terra”, ou seja, cuidado com todas as coisas vivas e não vivas: solos, espécies e suas variedades, atmosfera, floresta, micro-habitat, animais e água; a segunda inclui o “cuidado com as pessoas”, de forma que nossas necessidades básicas de alimento, abrigo, educação, trabalho satisfatório e contato humano saudável sejam supridos; e a terceira envolve a “partilha do excedente” de tempo, dinheiro e energia para alcançar os objetivos de cuidado com a terra e as pessoas. Isto significa que, após ter suprido as necessidades básicas e projetado os sistemas da melhor forma possível, o dever do/a permacultor/a é expandir as influências e energias para auxiliar outras pessoas no alcance desses objetivos.

Dentro da Permacultura, os princípios éticos e ecológicos, são organizados dentro do que chamamos de Flor da Permacultura, conforme ilustrado abaixo, na figura 2.



Fonte: David Holmgren. Livro: Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade, 2013 p. 34.

Para Henderson, (2012, p. 20), “a flor da Permacultura é a ilustração comumente usada para se apresentar os princípios da Permacultura e todos os estágios que envolvem uma transformação da cultura, para uma “cultura permanente”. Já Holmgren, 2013, p. 34, nos traz que,

A Flor da Permacultura mostra os domínios-chave que requerem transformação para se criar uma cultura sustentável. Historicamente, a permacultura centrou-se no manejo cuidadoso da terra e da natureza não apenas como uma fonte de princípios éticos e de design, mas também como uma aplicação desses princípios. Esses princípios são agora aplicados em outros domínios que lidam com recursos físicos e energéticos assim como com organizações humanas (geralmente chamadas de estruturas invisíveis no ensino de permacultura). Alguns dos campos específicos, dos sistemas de design e algumas das soluções que foram associadas a essa visão mais ampla da permacultura são mostrados em torno da periferia da flor. O caminho evolucionário em espiral, começando com a ética e com os princípios, sugere uma costura comum a todos esses domínios, inicialmente em um nível pessoal e local, prosseguindo para o nível coletivo e global. O aspecto “teia de aranha” dessa espiral sugere a natureza incerta e variável desse processo de integração.

Segundo o Núcleo de Estudos em Permacultura da UFSC, “ a Permacultura possui três éticas e alguns princípios de planejamento que são baseados na observação da ecologia e da forma sustentável de interação, produção e de vida das populações tradicionais com a natureza, sempre trabalhando a favor dela e nunca contra”. Abaixo, utilizando como referência ainda, o Núcleo de Estudos em Permacultura da UFSC, apresentamos as três éticas e os doze princípios, bem como sua sistematização em imagem, na figura 3.

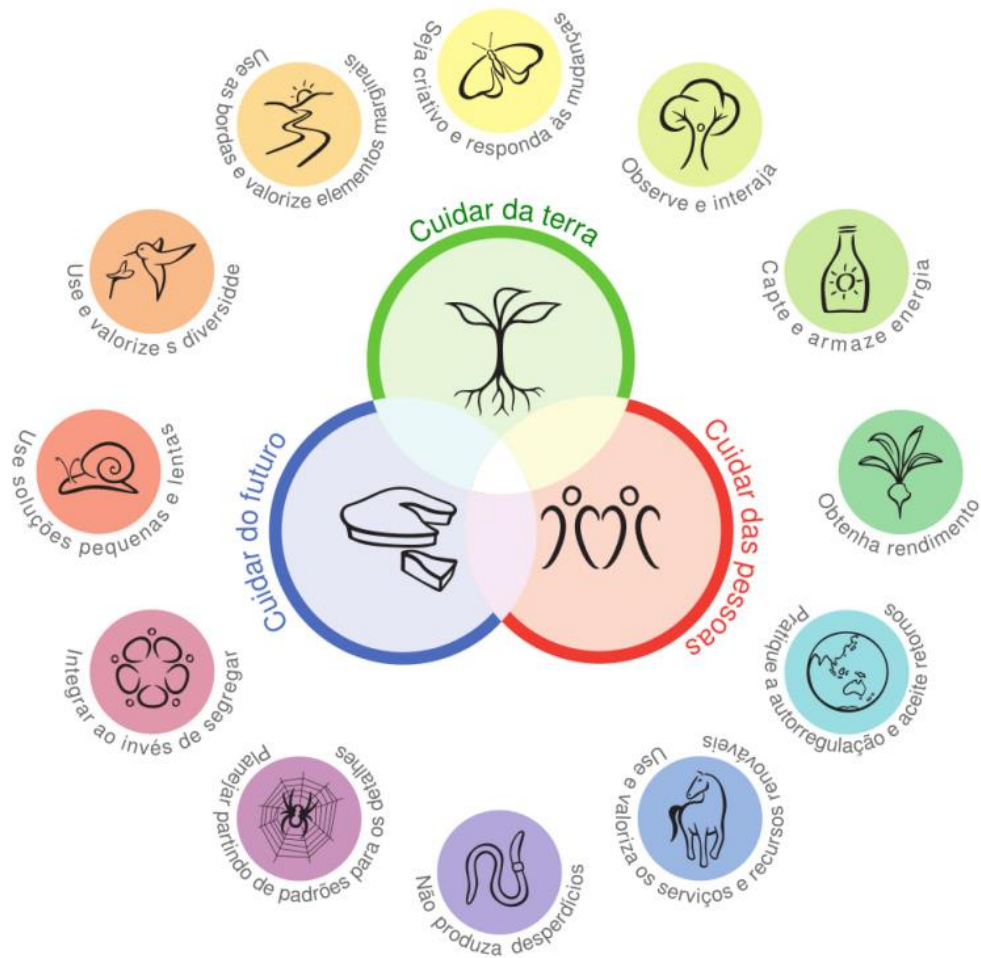
Éticas da permacultura

- 1 – Cuidar da Terra
- 2 – Cuidar das pessoas
- 3 – Cuidar do Futuro (Dixon, 2014; Harland, 2018; McKenzie e Lemos, 2008) incentivando Limites ao crescimento e ao consumo (Mollison, 1988) e a Partilha justa (Holmgren, 2002)

Princípios da permacultura

1. Observe e interaja
2. Capte e armazene energia
3. Obtenha rendimento
4. Pratique a autorregulação e aceite opiniões e conselhos
5. Use e valorize os serviços e recursos renováveis
6. Não produza desperdícios
7. Planejamento partindo de padrões para chegar aos detalhes
8. Integrar ao invés de segregar
9. Use soluções pequenas e lentas
10. Use e valorize a diversidade
11. Use os limites e valorize o marginal
12. Responda criativamente às mudanças

Figura 3 – Éticas e princípios da Permacultura



Fonte: <https://permacultura.ufsc.br/o-que-e-permacultura/>, acessado em 23 de abril de 2022.

Nossas necessidades podem ser colocadas dentro da flor da Permacultura, em que, ao centro se localizam as éticas, e, cada uma das pétalas podem corresponder a uma das necessidades humanas. Para Fagundes e Costa (2021, p. 554),

Um projeto construído dentro da ética da permacultura está alicerçado em leis e princípios que podem ser adotados independentemente do clima, escala ou condições culturais. Entretanto, as técnicas podem ser alteradas conforme o ecossistema e a cultura. Se o olhar estiver nos princípios, veremos a multidisciplinariedade que traz a permacultura, sempre gerando uma evolução dos seus próprios ensinamentos e jamais entrando em estagnação.

2.3 DESIGN PERMACULTURAL

Pensar na organização do quintal produtivo, é pensar na sua composição, bem como na logística de deslocamento dentro dele, no tempo e no gasto energético que você terá ao realizar algum trabalho, e ainda, observar que alimentos são possíveis serem cultivados e em

quais locais os plantar para um melhor aproveitamento. Nesse sentido, a Permacultura pode contribuir com os quintais produtivos das mulheres camponesas, com sua principal ferramenta, o *design permacultural*, que para Zimmermann *et al*, 2015, p. 29,

Não se trata de uma receita, mas de uma metodologia que nos permite observar a realidade de forma a extrair informações valiosas, entender quais são os objetivos da nossa ocupação, optar por diferentes tecnologias possíveis e pensar tudo isso de forma integrada e holística, aplicando fundamentos da Permacultura na busca de um planejamento energético eficiente e criação de sistemas ecológicos abundantes.

Já para Henderson,

O design permacultural é o elemento principal dentro da Permacultura, nele estão envolvidos: a observação do terreno, os elementos que farão parte deste espaço e a posição dos elementos para melhor aproveitamento de energia. Este planejamento aponta o diferencial humano na Permacultura, que utiliza da observação de artificios naturais como base para a organização, manejo e alocação da matéria bruta. (2012, p. 10 e 11).

E completa,

A análise da organização do espaço do sítio de acordo com os princípios da Permacultura nos permite observar a capacidade de se desenvolver um design dinâmico e, assim, a mudança na relação humana com os fenômenos naturais, as plantas e os animais. Transparecendo que a transformação da matéria bruta, a organização material, o espaço físico, bem como as técnicas estão todas inseridas em um ambiente de relação que constrói e constitui o sujeito humano. (HENDERSON, 2012, p. 11).

Para um bom *design permacultural*, é essencial que alguns pontos sejam observados, pois,

Projetar envolve planejamento, implantação e manutenção consciente de ecossistemas produtivos que tenham a diversidade, a estabilidade e a resistência dos ecossistemas naturais. O desenho permacultural é resultado da integração das pessoas com a paisagem, com a finalidade de prover alimentação, energia e habitação, entre outras necessidades materiais e não materiais, de forma a sustentar os habitats humanos. (FAGUNDES e COSTA, 2021, p. 554).

Dentro da Permacultura, Mollison e Slay, 1998, p. 17 apontam que “existem dois passos básicos para um bom projeto permacultural. O primeiro trata de leis e princípios que podem ser adotados em quaisquer climas ou condições culturais; o segundo já é mais associado a técnicas e a práticas que mudam de um clima ou cultura para outro”. Os mesmos autores ainda, trazem que,

Os princípios discutidos (...) são inerentes a qualquer projeto permacultural, em qualquer clima e em qualquer escala. São selecionados a partir dos princípios de várias disciplinas: ecologia, conservação de energia, paisagismo e ciência ambiental. São, em resumo, os seguintes:

- Localização relativa: cada elemento (casa, tanque, estradas, etc.) é posicionado em relação a outro, de forma que auxiliem-se mutuamente;
- Cada elemento executa muitas funções;

- Cada função importante é apoiada por muitos elementos;
- Planejamento eficiente do uso de energia para a casa e os assentamentos (zonas e setores);
- Preponderância do uso de recursos biológicos sobre o uso de combustíveis fósseis;
- Reciclagem local de energias (ambas: as humanas e as combustíveis);
- Utilização e aceleração de sucessão natural de plantas, visando o estabelecimento de sítios e solos favoráveis);
- Policultura e diversidade de espécies benéficas, objetivando um sistema produtivo e interativo;
- Utilização de bordas e padrões naturais para um melhor efeito. (MOLLISON e SLAY, 1998, p. 17).

Portanto, coletar o maior número possível de informações da área onde será implantado o projeto permacultural é essencial, assim como, compreender os ciclos e sucessões que ocorrem na natureza e que servem como guia e inspiração ao/à permacultor/a (FAGUNDES e COSTA, 2021). Ao elaborar um *design* para sistemas cultivados é importante ter como inspiração os padrões naturais já existentes na natureza, padrões estes, que expressam formas e fluxos, e sempre buscam a estabilidade do sistema. Com isso, podemos definir que um dos objetivos do planejamento permacultural é a economia de energia, uma vez que o planejamento busca aproveitar ao máximo a energia já existente no sistema, minimizando, assim, a necessidade de buscar energia externa. (HENDERSON, 2012).

Para compreendermos melhor como se dá o passo a passo da elaboração de um *design permacultural*, precisamos conhecer alguns fatores que interferem nesse processo. e lembrarmos sempre que “a natureza é uma fonte infinita de ensinamentos, e a observação é a base para acessá-los” (FAGUNDES e COSTA, 2021, p. 555).

Para ajudar na elaboração de um *design permacultural*, a cartilha intitulada, *Introdução à Permacultura: Seja responsável por sua própria existência* elaborada pelo IPOEMA (Instituto de Permacultura: Organização, Ecovilas e Meio Ambiente) nos traz um passo a passo em 6 etapas, como podemos observar na figura 4 abaixo.

Figura 4 - Uma possibilidade de metodologia para o *design permacultural*



Fonte: ZIMMERMANN *et al*, 2015, p. 32

Mas é importante salientar que em todo sistema vivo, o *design* é dinâmico. E após iniciada sua implantação, o processo pode ser modificado e alterado de acordo com a sua realidade, mas lembrando sempre de continuar observando o ambiente, e, ser capaz, se preciso for, de realizar adaptações ao seu projeto, pois isso, é essencial para o bom desenvolvimento de um *design permacultural*. (ZIMMERMANN *et al*, 2015). Nas seções seguintes, detalharemos um pouco mais sobre alguns pontos do planejamento permacultural, afinal,

Para se implantar o projeto permacultural, deve-se seguir os passos propostos pelo método, que parte da aplicação do planejamento de *setores* para identificar os fenômenos naturais e as suas consequências; realizar uma análise detalhada dos *elementos* ou componentes que o/a permacultor/a desejar introduzir na área; e distribuí-los no terreno entre as cinco *zonas* pré-estabelecidas pelo projetista. (FAGUNDES e COSTA, 2021, p. 556)

2.3.1 Leitura de paisagem

Antes de qualquer ação, devemos definir qual é nosso/s objetivo/s, e só após ele/s definido/s, que partimos para a etapa da observação. Lembrando que o *design*,

Trata-se do planejamento das múltiplas relações existentes entre todas as partes de um sistema. Essas relações são dinâmicas, interagem entre si. As partes desse

sistema são os elementos e estão em constante evolução. O design permacultural é um planejamento ideal de uma área, seja em grande ou em pequena escala, para que esta possa atingir sua sustentabilidade, isto é, ser autossuficiente em todas as suas demandas, reduzindo ao máximo a necessidade de qualquer tipo de energia externa no sistema.

Além disso, o design integra não só componentes locais e físicos, mas também os componentes energéticos, abstratos e sociais [...] (ZIMMERMANN *et al*, 2015, p. 30).

É importante ressaltar, que nosso/s objetivos/s devem sempre estar alinhados às éticas da Permacultura, pois isso “ nos garante que estejamos fazendo um projeto de cuidado com a Terra, com as pessoas e buscando a distribuição justa dos excedentes – e também baseados na realidade, ou seja, observando as condições reais que temos à nossa disposição, sejam elas físicas, econômicas, sociais ou ambientais” (ZIMMERMANN *et al*, 2015, p. 33).

Com o/s objetivo/s definido/s, o segundo passo do *design permacultural*, é realizarmos uma leitura da paisagem do entorno. Ler a paisagem é permitir que o trabalho flua melhor, é oportunizar trabalhar com os processos naturais em vez de ir contra eles. Para além da observação,

No planejamento do desenho, é importante entender a história do local, seja ela oral, seja escrita, perpassando por aspectos sociais, ciclos econômicos, catástrofes naturais tais como enchentes, incêndios e outros. As pessoas com mais idade são ótimas informantes. As relações sociais atuais têm que ser estudadas, problematizadas, para se compreender as lógicas que estão dadas, a fim de se construir métodos de diálogo para se avançar em uma proposta que contribua para a emancipação dos sujeitos envolvidos. (FAGUNDES e COSTA, 2021, p. 556).

Além de buscar ouvir pessoas, é importante, realizar uma busca por informações científicas já sistematizada sobre solo, vegetação, clima, geologia, que ajudaram e vão possibilitar ter um breve entendimento sobre o espaço que se fará a intervenção. Ponto este, reforçado por Fagundes e Costa,

Outra questão importante são os componentes físicos, nos quais devemos buscar informações como temperatura, umidade, índice pluviométrico, velocidade dos ventos, tipo de solo, topografia e outras, que muitas vezes estão armazenadas em estações meteorológicas, universidades e outros locais de pesquisa e ensino. Entretanto, se essas informações não estiverem disponíveis, podemos desenvolver formas para coletá-las: ter uma biruta, um termômetro e um pluviômetro são instrumentos simples e de fácil acesso. Até mesmo nosso corpo pode servir como instrumento para aferir determinadas condições climáticas (quente, frio, úmido, seco, vento forte ou fraco, se choveu muito ou pouco), desde que se construa uma metodologia para isto. (2021, p. 556).

Ao fazer uma leitura da paisagem, colocamos em prática o princípio observe e interaja, e vamos nos conectando cada vez mais com a natureza, o espaço, o ambiente ao qual pretendemos interagir posteriormente. É importante fazer registros das observações, bem

como, as realizar constantemente. Olhar/observar nos permite ver respostas. Locais altos, nos permitem uma visão para além da superfície. Ao conhecer a paisagem, vamos definindo os possíveis potenciais e limitações do espaço, que nos poupam tempo, dinheiro e trabalho, por isso “após observações mais amplas, é hora de fazer análises mais detalhadas. Existem muitas possíveis. Tudo dependerá do seu interesse e das informações que você precisará para o seu design” (ZIMMERMANN *et al*, 2015, p. 41). Henderson ressalta que,

Pode-se estabelecer que um dos objetivos centrais do planejamento permacultural é a economia da energia, ou seja, o aproveitamento das energias externas ao sistema e a minimização de entrada de energia fóssil.

A questão energética é vista como chave no projeto de Permacultura. Para que uma propriedade permacultural seja eficiente em termos energéticos é preciso que os elementos estejam posicionados corretamente. A energia deve fluir ciclicamente na permacultura, quanto menos utilizarmos de recursos provenientes de fora do sistema mais perto o espaço estará de uma “auto-suficiência”, por exemplo, de acordo com o modo de vida urbano-industrial todos os recursos energéticos utilizados por nós, seres humanos, vêm de fora como a luz e a água.

Além disso, somos condicionados a descartar alguns potenciais energéticos, a água e a matéria orgânica, e não sabemos como aproveitar outros recursos como, por exemplo, a água da chuva. (2012, p. 22)

Com os registros em mãos dos elementos observados, é hora de voltar nos objetivos, e então definir quais elementos irão compor nosso sistema. Com os elementos definidos, Zimmermann *et al*, 2015, p. 44, destaca que devemos,

[...] fazer uma análise de cada elemento do nosso sistema e, em seguida, montar a teia de relações, estabelecendo as conexões entre os elementos. Para isso, vamos refletir sobre três características de cada elemento:

Características intrínsecas: São as características naturais, básicas de qualquer elemento. Para facilitar, sugerimos você fechar os olhos e visualizar o elemento:

- Quais são as características básicas que fazem que aquele elemento seja ele mesmo?
- Quais são as características que podem variar de um tipo para outro do mesmo elemento?
- Como essas diferenças afetam o comportamento/funcionamento dele?

Necessidades: São as coisas que precisam entrar, chegar ou existir para que o elemento “funcione”, como: abrigo, alimento, energia, calor, água, matéria orgânica, nutrientes, fertilizantes etc.

Produtos: São materiais, comportamentos ou recursos produzidos pelo elemento, que saem dele, diretamente ou indiretamente.

Após esse exercício, podemos estabelecer conexões entre os elementos. Para Fagundes e Costa (2021, p. 557) “a análise de cada elemento que se deseja implementar tem a função de aprofundar o conhecimento do que este produz e necessita, buscando aproximá-los de modo a se estabelecer conexões entre eles”. Assim, nos damos conta que os produtos/rejeitos de um elemento podem servir de recurso/matéria prima para outro, ou seja, não há produção de “lixo” ou poluição na natureza, e assim, conseqüentemente, também não deve haver no planejamento do sistema. Ao perceber as conexões existentes entre os

elementos e produzir/desenhar um mapa das mesmas, nos deparamos com um desenho que lembra uma teia, por isso esta é denominada de teia da vida. Ao trabalhar as conexões entre os elementos, os otimizamos dentro do sistema, evitando perdas e economizando energia (ZIMMERMANN *et al*, 2015). Henderson, destaca que,

Outro fator energético relevante na permacultura é o trabalho, este vai definir o posicionamento da maioria dos elementos. [...] Para isso, o planejamento energético é realizado de acordo com dois aspectos, as zonas e os setores. O primeiro, relacionado às energias internas do sítio e o segundo, às energias externas (2012, p. 23).

2.3.2 Mapeamento de setores e zonas

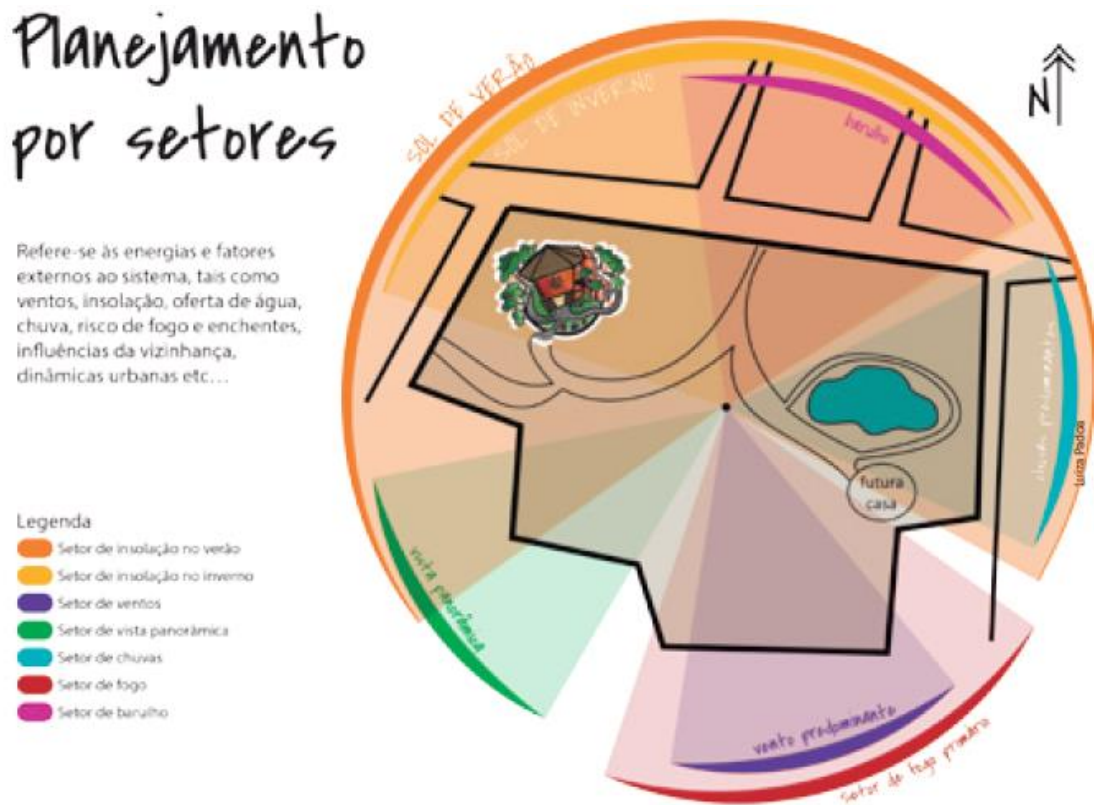
Com os elementos já identificados e suas conexões já estabelecidas, partimos para os próximos passos, que consistem em identificar e mapear os setores existentes, ou seja, locais onde diferentes fluxos de energia fluem na paisagem. Fagundes e Costa (2021, p. 556), destacam que “a identificação dos setores é usada na permacultura para posicionar todas as energias que passam pelo ambiente, mas que as pessoas (ou os seres humanos) não controlam ou que escapam ao controle, tais como o sol, o vento, a chuva, o fogo, a poeira, o barulho, o fluxo das águas (incluindo enchentes) etc.” Os autores, Zimmermann *et al*, confirmam que os setores,

Refere-se às energias e fatores externos ao sistema, tais como ventos, insolação, oferta de água, vento, chuva, risco de fogo e enchentes, influências da vizinhança, dinâmicas urbanas etc. Para isso, vamos observar esses fatores *in loco* mas também estudando em mapas, base de dados e consultando os vizinhos mais antigos da região, que têm mais tempo de observação e informações acumuladas. (2015, p. 51)

Conhecer os setores, faz deles nossos aliados, no planejamento da área. Podemos destacar como elementos e setores na paisagem: terreno (microclima, padrões de drenagem, umidade, espessura e tipos de solos, sombras, acessos, declividade), ventos (direções, intensidade), insolação, risco de incêndio, águas (chuva, escoamento, áreas alagáveis). Para além disso, também podemos fazer a leitura por indicadores, como: ponto chave (um pouco abaixo da inflexão do terreno – concentra a energia abaixo dele), linha chave (ponto lateral a partir do ponto chave – conduz fluxos energéticos para pontos menos favorecidos), bioindicadores (plantas, formigas), geoindicadores (tipos de solos, afloramento de rochas), socioindicadores (ocupações animais). (MOLLISON e SLAY, 1998) e (HOLMGREN, 2013).

Utilizando mapas e/ou desenhos, “podemos organizar um diagrama de setores baseado na área a ser estudada.” (FAGUNDES e COSTA, 2021, p. 556). Abaixo na figura 5, um exemplo.

Figura 5 - Planejamento por setores



Fonte: ZIMMERMANN *et al*, 2015, p. 51.

Após identificados os elementos e os setores, precisamos lembrar que “o desenho permacultural tem que ser funcional. Nesse sentido, toda função deve ter pelo menos dois elementos (componentes) no sistema, e cada elemento deve ter pelo menos duas funções no sistema. (FAGUNDES e COSTA, 2021, p. 557). Os mesmos autores sugerem que,

Para favorecer a manutenção do sistema, os elementos devem ser alocados de modo a se autorregular o máximo possível, visando minimizar o trabalho humano. Para melhor distribuir os elementos e posicioná-los de acordo com os setores, o método da permacultura realiza o planejamento por zonas, que trata do posicionamento dos elementos de acordo com a quantidade ou a frequência em que os utilizamos ou necessitamos visitá-los. Por exemplo, áreas que precisam ser visitadas todos os dias (estufa, galinheiro, horta) são localizadas mais próximas, enquanto locais visitados com menos frequência (pomares, pastagens, arvoredos) são posicionados em lugares mais distantes. (FAGUNDES e COSTA, 2021, p. 557).

E, por fim, podemos realizar o planejamento por zonas, ou seja, vamos fazer o desenho/mapa, e alocar cada elemento escolhido em um espaço. Para Zimmermann *et al*,

Este tipo de planejamento se refere aos aspectos internos do sistema, e se dá em função da necessidade de manejo dos elementos, seja porque você precisa intervir no elemento ou porque o elemento precisa que você intervenha nele. Entendendo isso, para otimizar a sua energia, você irá posicionar um elemento que precisa de manejo diário próximo de você, enquanto um que precisa de manejo mensal mais distante. (2015, p. 52).

O mapa pode conter todas as informações já mencionadas até aqui, como os fluxos energéticos (sol, vento, chuva); o clima e microclima; águas (chuva, cursos, rede); ventos; vegetação e animais; solos; acessos (estradas, trilhas); topografia (curvas de nível); edificações e infraestrutura; potencial energético; fatores sociais e econômicos. Importante ressaltar, no mapa as encostas voltadas para o sol e sombra; as linhas de drenagem e divisores de águas; as declividades/inclinações; os acessos (áreas menos inclinadas); as áreas encharcadas; áreas desidratadas; ventos predominantes; áreas suscetíveis à erosão. (MOLLISON e SLAY, 1998) e (HOLMGREN, 2013).

O primeiro passo é identificar qual o lado da linha do Equador, este é o lado com maior incidência de luz solar durante o ano. Importante também fazer um mapa em que apareçam a incidência de luz solar no inverno e no verão. Sobre a elaboração, existem algumas formas de fazer o mapeamento, podemos ele ser a partir da nossa percepção (desenho a mão), de forma analógica (utilizando uma base impressa e sobreposição com papéis vegetais), com mapeamento digital (ferramentas digitais como Google Earth) e ainda mapeamento com Sistema de Informação Geográfica – SIG - (ferramenta profissional com muitos detalhes técnicos). (MOLLISON e SLAY, 1998) e (HOLMGREN, 2013). Fagundes e Costa (2021, p. 557) ressaltam que,

Para favorecer a manutenção do sistema, os elementos devem ser alocados de modo a se autorregular o máximo possível, visando minimizar o trabalho humano. Para melhor distribuir os elementos e posicioná-los de acordo com os setores, o método da permacultura realiza o planejamento por zonas, que trata do posicionamento dos elementos de acordo com a quantidade ou a frequência em que os utilizamos ou necessitamos visitá-los. Por exemplo, áreas que precisam ser visitadas todos os dias (estufa, galinheiro, horta) são localizadas mais próximas, enquanto locais visitados com menos frequência (pomares, pastagens, arvoredos) são posicionados em lugares mais distantes.

Holmgren, 2013, p. 232, conceitua,

Zonas de permacultura são áreas mais ou menos concêntricas de intensidade de uso, que descrevem o poder e a eficiência das pessoas que trabalham a partir do ponto focal (uma morada). Quanto mais próximo do centro, mais eficiente e intensivo o nosso uso da terra; quanto mais longe estivermos, mais devemos depender de

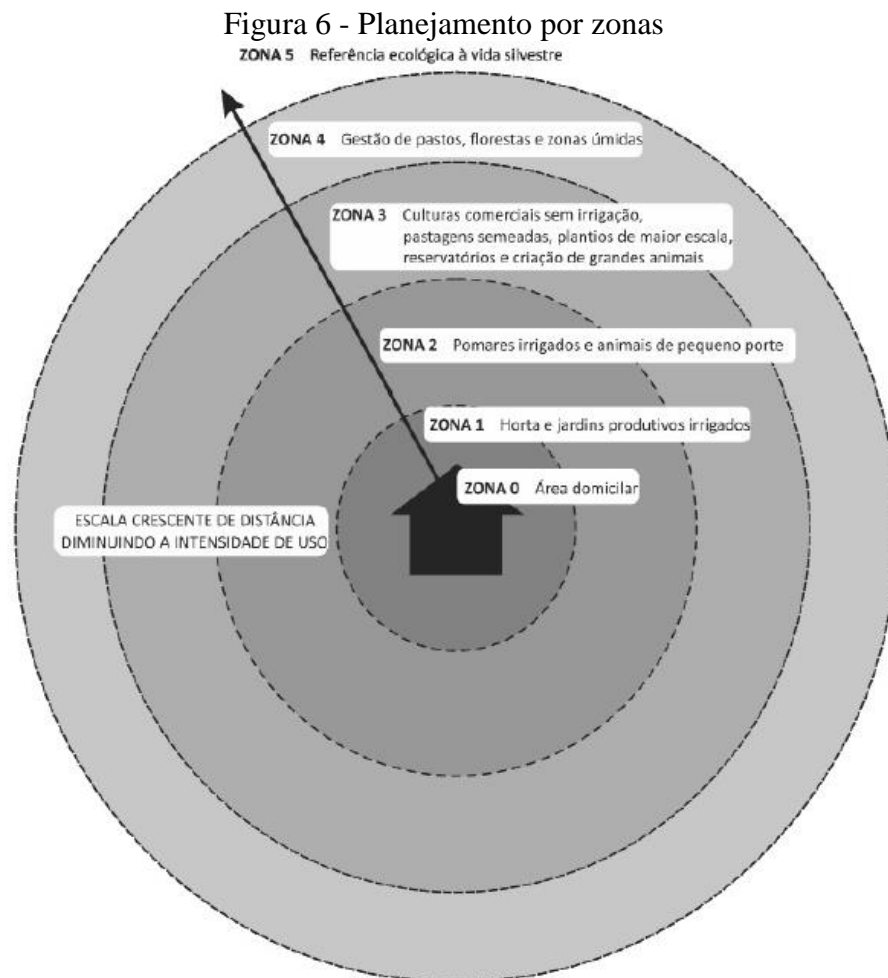
elementos autossustentáveis que requerem pouco insumo de nós e, geralmente, produzem menos para nós.

No entanto, o mesmo autor destaca,

Embora as zonas sejam concebidas como concêntricas, isto jamais é assim na prática. Declives, solo, aspecto e infraestrutura, tudo isso faz com que determinadas zonas encolham ou se expandam. Mesmo a ideia de que cada zona é uma faixa contínua em torno da zona mais interna não necessariamente funciona no terreno. [...].

Vale conceber cada zona como caracterizada por um conjunto particular de plantas e animais, estratégias de manejo e estruturas. Isto é útil no âmbito de um contexto biorregional e cultural, mas talvez precise ser consideravelmente variado em outros contextos. (HOLMGREN, 2013, p. 232 - 233).

Na figura 6, está ilustrado um planejamento por zonas, proposto por Holmgren.



Fonte: HOLMGREN, 2013, p. 233.

Do ponto de vista prática, podemos organizar as zonas, conforme descritas por Fagundes e Costa,

Para posicionar elementos por zonas, sempre é bom começar por um centro de atividades. Geralmente – em se tratando de camponeses – começa-se pela casa, já que é o local que as pessoas permanecem por mais tempo. Dentro de um desenho permacultural, geralmente dividimos a área em cinco zonas de atividades, indo da zona zero à zona quatro. A zona cinco seria um espaço de controle da biodiversidade local, não sofrendo interferência dos seres humanos, como um local de observação, com o propósito de se extrair lições da natureza, a fim de se aprender a interferir nas outras zonas com mais coerência.

Para se definir o zoneamento, o método leva em consideração o número necessário de vezes para se visitar o elemento ou componente. De maneira geral, podemos dizer que zonas são formas abstratas, ou seja, é uma forma conveniente de lidar com as distâncias. Podemos ressaltar que, na prática, as bordas de cada zona se misturam umas com as outras; a topografia e o acesso podem obrigar, em alguns casos, que a área menos utilizada fique próxima da casa. Por exemplo: se uma encosta íngreme, composta por uma floresta, estiver atrás da casa. (2021, p. 557 - 558).

Portanto, concluímos que para realizar um planejamento de acordo com as éticas e princípios da Permacultura e utilizando o método, devemos considerar: os fluxos energéticos (setores); os elementos presentes no espaço e os que precisam ser incluídos e as necessidades e demandas do/a permacultor/a. A aplicação do método de planejamento, permite reduzir o tempo e os esforços gastos em relação às rotinas de manejo, como, por exemplo, a produção de alimentos e a manutenção dos elementos, permitindo assim, utilizar e seu tempo para outras atividades dentro ou fora da propriedade. Segundo Mollison e Slay, 1998, p. 13,

O objetivo é a criação de sistemas que sejam ecologicamente corretos e economicamente viáveis; que supram suas próprias necessidades, não explorem ou poluam e que, assim, sejam sustentáveis a longo prazo. A Permacultura utiliza as qualidades inerentes das plantas e animais, combinadas com as características naturais dos terrenos e edificações, para produzir um sistema de apoio à vida para a cidade ou a zona rural, utilizando a menor área praticamente possível.

E concluem afirmando, “a Permacultura é um sistema pelo qual podemos existir no planeta Terra utilizando a energia que está naturalmente em fluxo e é relativamente inofensiva; e, da mesma forma, pelo uso de alimentação e de recursos naturais que sejam abundantes, sem destruirmos a vida na Terra. (MOLLISON e SLAY, 1998, p. 13).

3 O MOVIMENTO DAS MULHERES CAMPONESAS - MMC

Nossa missão é a libertação das mulheres trabalhadoras de qualquer tipo de opressão e discriminação. Isso se concretiza na organização, na formação e na implementação de experiências de resistência popular, onde as mulheres sejam protagonistas de sua história. Nossa luta é pela construção de uma sociedade baseada em novas relações sociais entre os seres humanos e deles com a natureza. (MMC/SC, 2006, p. 12).

Este capítulo tem por objetivo contextualizar a origem do Movimento das Mulheres Camponesas em Santa Catarina, bem como o contexto de surgimento e a importância dos quintais produtivos na vida das mulheres do MMC.

3.1 AS PRIMEIRAS SEMENTES

*Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer,
Participando sem medo de ser mulher.
(Sem Medo de Ser Mulher - Autor: Zé Pinto)*

Para começar a narrar fatos importantes da história do Movimento de Mulheres Camponesas, trago um pedacinho da letra de uma das músicas que está sempre presente nos encontros do Movimento. Escrita por Zé Pinto, a música faz referência a importância da participação das mulheres na construção da sociedade. E é esse o nosso ponto de partida para conhecermos a história do Movimento. Sabemos que a luta das mulheres não é de hoje, e que, historicamente, é negada às elas o reconhecimento, principalmente, do seu trabalho. Muitas já foram as conquistas, e atualmente, ela perpassa por todos os espaços da sociedade. De acordo com Teles, 1993 (*apud* PALUDO e DARLON, 2012, p. 483),

No Brasil não é diferente: em todos os períodos da nossa história é possível verificar a presença das mulheres na luta pelos direitos da cidadania, pelo reconhecimento do e no trabalho, pela igualdade de tratamento, enfim, na luta contra a exploração, a opressão, a discriminação e a violência, com iniciativas que envolveram e envolvem tanto o espaço público quanto o privado.

O Movimento tem sua gênese, no final da década de 1970 e início da década de 1980, período este, em que se vivenciava no Brasil, um crescente desejo, por parte da população, pelo fim da ditadura militar e pela redemocratização do país. Lorenzoni, Seibert e Collet, relatam que,

Esta ampla mobilização social foi aglutinada em diversas ferramentas de luta, que se constituem em movimentos populares, sindicatos combativos e partidos políticos de esquerda.

Nesse contexto, necessidades vivenciadas pelas trabalhadoras e trabalhadores foram sendo organizadas em diferentes pautas, explicitando bandeiras de lutas comuns,

direcionadas ao fim da ditadura militar, por democracia, direitos e dignidade. (2020, p. 14)

No que se refere ao campo, Gaspareto e Collet, apontam que,

No campo, as consequências do modelo de agricultura com a implantação do programa revolução verde agravavam a crise para grande parcela dos agricultores(as): endividamento bancário, êxodo rural, queda de preços dos produtos agrícolas, falta de terra, intoxicações por agrotóxicos, doenças, inflação, enfim, era um contexto difícil, caracterizado pelo descaso do governo em relação aos direitos do povo. (2021, p. 573)

Pontuamos que a igreja, em especial, como suas pastorais sociais, teve uma importante contribuição no processo, como destacam Gaspareto e Collet,

Nesse mesmo tempo, lideranças da Igreja Católica se envolviam e anunciavam as reflexões e inovações propostas pelo Concílio Vaticano II (1964) a partir da leitura latino-americana, oficializadas pelas Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979). Esse movimento religioso da década de 1970 se torna conhecido como Teologia da Libertação que, a partir da Bíblia interpreta a realidade de injustiça e anima as pessoas a buscarem caminhos para superarem a condição de exploração, sendo fortalecido pelo processo em curso de Educação Popular, inspirado na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (2015).

De uma forma ou de outra, principalmente lideranças das Igrejas dedicaram tempo para visitar seu povo, ouvir suas angústias e sonhos. Avaliaram, aprofundaram e retomaram a ação pastoral priorizando a igreja viva, engajando-se nesse movimento de libertação, de animação cristã das comunidades, valorizando a atuação dos leigos(as). (2021, p. 573-574).

No entanto, Lorenzoni, Seibert e Collet, 2020, p.14, destacam que “ainda que nós mulheres participássemos, amplamente, deste processo de luta pelo fim do golpe militar, contra a fome, desigualdade e injustiças, impostos pela perversidade do capitalismo e do patriarcado, nós, como mulheres, vivíamos no anonimato e invisibilizadas”. E, complementam,

Mas foi justamente nesse contexto que começamos a nos reunir e discutir a realidade nos diversos lugares do Brasil; umas antes, outras depois, fomos percebendo que as maldades, as dores de tantas opressões e violências, às quais estávamos submetidas, somente seriam superadas com luta política e organização. (LORENZONI, SEIBERT e COLLET, 2020, p. 14)

Já Gaspareto e Collet, trazem que,

Constatamos que as mulheres, na medida em que foram se dando conta de que viviam num contexto de NÃO reconhecimento da mulher, de desvalorização de seu trabalho, de seu existir, foram rompendo com o silêncio, enfrentaram a cultura patriarcal que, por sua vez, negava-lhes direitos, tomaram posição frente aos problemas sociais, econômicos, políticos do povo. Pouco a pouco, no processo da própria libertação enquanto mulher foram lançando as sementes do Movimento autônomo de Mulheres Camponesas do Brasil. (2021, p. 575)

Podemos notar, que apesar da ampla participação feminina nas lutas e nos espaços, elas, muitas vezes, não ocupavam espaços de tomadas de decisões e/ou, não tinham suas

opiniões levadas em consideração, o que reforçava a invisibilidade e o não reconhecimento, fato este, que as levava a questionar sua própria realidade (LORENZONI, SEIBERT e COLLET, 2020). “Estas, entre outras questões explicitam a sobrecarga das mulheres, principalmente relacionadas à dupla e tripla jornada de trabalho e à necessidade da organização”, como nos relatam Lorenzoni, Seibert e Collet, 2020, p. 14.

Um outro fator importante, já citado anteriormente, que devemos relacionar com a origem do Movimento, é a religiosidade, pois é a partir das participações nas festividades das comunidades cristãs, que as mulheres começam a refletir e questionar sobre o “papel” da mulher, como nos relatam Lorenzoni, Seibert e Collet,

Foi, então, que muitas de nós começamos a perceber que nossa participação nas comunidades cristãs reproduzia uma lógica um tanto patriarcal. Nas festas da comunidade geralmente éramos nós mulheres que assumíamos a cozinha e a limpeza. Normalmente fazíamos parte da liturgia, catequese, raras vezes assumíamos espaços de decisão da comunidade. (2020, p. 14).

É a partir da percepção das mulheres em relação a seu papel na sociedade, que as mesmas começam a se organizar. Lorenzoni, Seibert e Collet, 2020, p. 15, relatam que,

À medida que nos organizávamos, aos poucos, fomos dando outro significado aos espaços onde atuávamos. Foram tempos de aprendizado e conflitos em que questionávamos o papel da mulher/mãe submissa, obediente, servidora. [...]. Contraditoriamente, os espaços de participação, as oportunidades de formação que tivemos, muito contribuíram para que fôssemos despertando e tomando consciência da realidade. Em cada região do Brasil, as mulheres camponesas, à sua maneira, foram despertando.

As mesmas autoras, ainda lembram que,

Vale destacar que muitos processos de formação eram orientados principalmente por lideranças cristãs comprometidas com a releitura bíblica latino-americana da Teologia da Libertação. Muitas de nós estávamos inseridas nos círculos bíblicos que seguiam a orientação do Frei Carlos Mesters, ou engajada nas [Comunidades Eclesiais de Bases] CEBs, nos grupos de reflexão, outras na Comissão Pastoral da Terra (CPT), na luta sindical, na luta pela reforma agrária, na qual identificamos que éramos tratadas ou delegadas a desempenhar um papel secundário. (2020, p. 16)

Portanto, as autoras apoiadas em SCHILD, trazem que “nestes espaços, falavam de uma educação popular como ferramenta para a mudança e da conscientização como meio de libertação e pediam o despertar e a organização dos setores populares da sociedade para exigir projetos sociais” (2017, p. 103 *apud* LORENZONI, SEIBERT e COLLET, 2020, p. 16).

E complementam,

A Teologia e a Filosofia da Libertação junto com a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, formam uma tríade do pensamento e teoria emancipacionista e de transformação na América Latina. Naquele momento histórico, contribuíram amplamente para a organização, mobilização e conscientização política dos trabalhadores e trabalhadoras. Assim, encontramos nos debates e materiais elaborados desde os primeiros passos do Movimento, ferramentas para orientar o

estudo de grupos das mulheres agricultoras em todo o Brasil. (LORENZONI, SEIBERT e COLLET, 2020, p. 16)

Retomando o contexto histórico vivenciado no início da década de 1980, Boni, lembra que,

A criação de um movimento específico de mulheres agricultoras foi a primeira grande conquista. Sair de casa para participar das reuniões, contrariando o machismo muito presente na agricultura (e na sociedade como um todo), buscar a aceitação de seus companheiros para participar das ações do movimento ou ir contra sua negação e mesmo assim persistir, ouvir comentários maldosos da vizinhança, da família. Tudo isso teve que ser enfrentado pelas mulheres que assumiram lideranças ou mesmo as que simplesmente participavam (e participam) do movimento. Muitas das mulheres ficaram pelo caminho, desanimaram com as dificuldades, não fizeram frente às imposições de seus maridos e da comunidade em geral, outras tantas esmoreceram depois das conquistas trabalhistas e algumas se projetaram politicamente. (2012, p. 29)

E complementa,

Uma história marcada pela realidade cultural e econômica da região oeste de Santa Catarina, pela cultura camponesa e pelas transformações que a agricultura sofreu nas últimas décadas. Mas, principalmente, uma história de mulheres camponesas fortes, obstinadas, que não têm medo de passar horas e dias fora de casa para lutar por seus direitos. Mulheres que, simples e sem uma formação em bancos escolares se atrevem a pegar um microfone, fazer passeatas, protestos, acampar no Congresso Nacional, bater nos gabinetes dos deputados e concorrer a cargos públicos. Mulheres que buscaram seus direitos trabalhistas, lutaram por acesso à saúde e que, hoje, defendem um modelo de agricultura camponesa. (BONI, 2012, p. 29-30).

Nosso objetivo neste trabalho não é descrever todos os passos da constituição do Movimento, então, vamos destacar alguns momentos/encontros e eventos que contribuíram e marcaram a história. Os parágrafos que seguem essa escrita, tiveram como base referencial as produções de Gaspareto e Collet, 2021 e Lorenzoni, Seibert e Collet, 2020.

Segundo o material utilizado como referência para a escrita deste e dos próximos parágrafos, o primeiro encontro ocorreu em 1 de maio de 1983, no salão da Igreja de Nova Itaberaba, com presença de 28 mulheres das comunidades de Itaberaba, Bela Vista, Linha Garibaldi, Sede Figueira, Linha Pinheiro e Linha Amizade. Lá, no salão da Igreja de Nova Itaberaba. Podemos dizer, que estavam aí, as primeiras mulheres que começaram esta linha história feminista, camponesa e popular. Nesse encontro, o debate girou em torno da necessidade de as mulheres entrarem na luta por igualdade de direitos e dignidade, entre homem e mulher. Dessa ocasião, se tem uma lista de assinatura, que conforme destacam Gaspareto e Collet, 2021, p. 583 “Esta lista de nomes das participantes, cujos registros asseguram ser o “primeiro encontro”, poderia ser considerada uma espécie de “certidão de nascimento” da [Organização Mulheres Agricultoras] OMA, do [Movimento de Mulheres

Agricultoras] MMA, hoje o MMC”. Após este primeiro encontro, outros acontecem, sempre na perspectiva de refletirem sobre direitos, respeito e organização das lutas. (GASPARETO e COLLET, 2021)

Em 8 de março de 1984, ocorreu um grande encontro com participação de mais de 500 mulheres, o que fortaleceu a organização, pois houve nesta ocasião depoimentos das líderes, partilha de alimentos, apresentações artísticas e duas encenações que abordavam sobre o assassinato de Margarida Maria Alves e a vida das camponesas, seus problemas, discriminações e seus direitos. Ainda no mesmo ano, em 13 de dezembro, aconteceu em Florianópolis o fechamento da ponte Colombo Salles, por uma mobilização com presença de 10 mil agricultores (as), que reivindicavam por causa da des-assistência médica e da exclusão pela política de previdência. Junto a manifestação havia um cartaz carregado por duas jovens mulheres que denunciava: “oficialmente não existimos. Queremos ser reconhecidas como trabalhadoras rurais.” (GASPARETO e COLLET, 2021)

Em 1985 se intensifica as campanhas pela sindicalização das mulheres, lutas que já vinham ocorrendo desde 1981. Neste mesmo ano ocorre um encontro regional em Chapecó, nos dias 15 e 16 de junho, organizado pela Comissão de Mulheres Agricultoras de Chapecó e articulada pelo Serviço de Apoio e Informação – SAI. Nesse encontro as mulheres reafirmam as lutas, e também elegem uma Comissão Regional e uma assessoria por microrregião. Ao final de 1985 (13, 14 e 15 de dezembro), se realizou o II Encontro Regional do Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina e do Alto Uruguai gaúcho. Na ocasião estudaram, fizeram análise da sociedade, debateram, organizaram pautas de lutas, avaliaram os processos já vivenciados e deliberaram demandas, em especial, para o 8 de março e sobre o abaixo assinado com reivindicações sobre a previdência, bem como organizaram a caravana de entrega do mesmo em Brasília. (GASPARETO e COLLET, 2021)

No ano de 1986 (13 a 18 de abril), uma delegação do Movimento de Mulheres Agricultoras foi a Brasília entregar os 100 mil abaixo-assinados. Além das mulheres de Santa Catarina, participaram da ação mulheres do Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul. Além da entrega, as mulheres conheceram o Congresso Nacional e tiveram audiências nos Ministérios. Ainda no mesmo ano, com o objetivo de eleger os constituintes, tivemos as eleições para o Legislativo Estadual, em que foi eleita a primeira mulher agricultora, a Deputada Estadual Luci Choinacki, pelo Partido dos Trabalhadores. Luci, é uma das fundadoras do Movimento, e na ocasião era líder de base e fazia parte da coordenação do Movimento de Mulheres Agricultoras. Já ao final do ano ocorre a 1ª Assembleia Inter-

Estadual de Mulheres Agricultoras, sendo a mesma realizada em Chapecó nos dias 29, 30 e 1ª de dezembro de 1986, com a presença de 85 mulheres agricultoras dos estados de Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ocasião em que refletiram sobre Encontro Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, que havia sido realizado em São Paulo, no mês anterior (25 a 28 de novembro). (GASPARETO e COLLET, 2021)

Aqui, em especial, foi um marco o Encontro Nacional, ocorrido em São Paulo, conforme destacam, Lorenzoni, Seibert e Collet,

Nos dias 25 a 28 de novembro de 1986, em Barueri (SP), aconteceu o Encontro Nacional das Mulheres Trabalhadoras Rurais com a participação de 36 mulheres vindas de 16 estados do Brasil. A partir de nossas pesquisas constatamos que foi a primeira vez que mulheres rurais se reuniram em âmbito nacional para trocar experiências de organização, debateram objetivos, princípios, lutas, estrutura organizativa, formativa e articulação com entidades de classe. Deixaram explícito que a luta é de gênero e classe, [...] (2020, p. 17).

As autoras acima citadas, apoiadas em Kroth, 1999, afirmam também,

A partir deste encontro, assumimos linhas de atuação conjunta que seria construída em âmbito nacional, como: aposentadoria aos 45 anos com salário integral; auxílio natalidade para todas as mulheres trabalhadoras rurais; formação de lideranças; sindicalização e participação nas direções de oposição sindical, na CUT, no partido, no movimento popular; reconhecimento da mulher como trabalhadora rural; assistência médica integral; reforma agrária; fim da violência no campo. Nasciam ali nossas bandeiras de luta, e depois de 12 anos de luta, como: abaixo-assinados, estudo, eleição de deputadas(os), ocupação do Ministério da Previdência e outros, foi aprovada a regulamentação da aposentadoria (KROTH, 1999 *apud* LORENZONI, SEIBERT e COLLET, 2020, p. 17).

A partir de 1986, assume-se o compromisso de fortalecimento dos grupos de mulheres trabalhadoras em cada região do país. E no ano de 1995, outro Encontro Nacional (realizado no Instituto Cajamar, nos dias 19 a 24) ocorreu, este com o lema: “Mulher trabalhadora rural: amante da igualdade, é preciso ter força, é preciso ter garra sempre”. Neste encontro, que contou com a presença de mais de 50 mulheres/lideranças, representantes de 18 estados, houve socialização das trajetórias da organização e das lutas, além do debate sobre a nacionalização da campanha “Nenhuma Trabalhadora Rural sem Documentos”. Esse encontro passa a ser considerado como o III Encontro Nacional. (LORENZONI, SEIBERT e COLLET, 2020). Neste encontro nacional, algumas pautas são destacadas,

O encontro nacional protagonizou a unidade nas lutas pela documentação, os direitos previdenciários, como aposentadoria e salário maternidade; fim da violência contra a mulher; pela reforma agrária; por um novo modelo de produção e agroecologia; participação política da mulher na sociedade; saúde pública e saúde da mulher; novas relações; gênero; feminismo e nova sociedade. Definiu, ainda, que o 8 de março passasse a ser um dia de luta, unificado com tema, material de estudo e pauta comum ligada às pautas locais e regionais. (LORENZONI, SEIBERT e COLLET, 2020 p. 19).

Destaco aqui, outra luta que se fortalece a partir de 1994, o acesso à educação pública. A vontade/sonho e o desejo das mulheres de retomar seus estudos, uma vez que, isso foi negado a muitas mulheres, se torna muito presente nos encontros. Isso acarreta dentro do Movimento um processo de busca, das mulheres, por formas de continuar seus estudos, seja em escolas, institutos e/ou universidades. Mas, sem deixar de lado, a organização das outras bandeiras de lutas. (LORENZONI, SEIBERT e COLLET, 2020).

Nos anos 2000 (entre os dias 13 e 17 de março), o Movimento participou com mais de 3 mil mulheres do campo e advindas, de todas as regiões do Brasil, do 1º Acampamento Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, com o lema: Mulheres gerando vida, construindo um novo Brasil. Para Lorenzoni, Seibert e Collet,

Este acampamento aconteceu articulado com mobilizações dos povos indígenas, dos sem-terra, dos pequenos agricultores que reivindicavam o rompimento do acordo do Brasil com o FMI e a suspensão do pagamento dos juros da dívida interna e externa. Além da continuidade da luta contra a reforma da previdência, pautamos a luta por um Brasil livre de transgênicos, agrotóxicos e pela agricultura ecológica, contra a política de importação de alimentos, por uma política de soberania e segurança alimentar e proteção nacional. (2020, p. 20-21).

Nos anos seguintes (2001 e 2002), aconteceu o segundo (realizado de 5 a 9 março, em vários estados, com lema: Mulheres trabalhadoras rurais construindo um novo Brasil) e terceiro acampamento (6 a 8 março, com o lema: Trabalhadoras: gerando vida, semeando a terra construindo a nova sociedade), respectivamente, todos preparados após reuniões, discussões e planejamentos. Todo esse processo de luta e reflexão acerca da sociedade, a qual, estamos inseridas, levou mais mulheres a se inserirem no Movimento, como relatam, Lorenzoni, Seibert e Collet,

Todo esse envolvimento e reflexão sobre as lutas específicas e de classe exigiu uma expressiva inserção das mulheres camponesas nas regiões, o que possibilitou uma dimensão nacional, latino-americana e internacional. Como exemplo, trazemos a Campanha internacional “Sementes patrimônio dos povos a serviço da humanidade”. O MMC criou o Programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças do MMC/SC, o programa Plantando Saúde do MMC/RS, o debate sobre o crédito especial para as mulheres, entre outros. São ações concretas das mulheres camponesas nesta luta de dimensão mundial de proteção e conservação das sementes crioulas, plantas e ervas medicinais e alimentícias e pequenos animais. (2020, p. 21-22).

Com os debates acontecendo nos grupos, em especial, sobre os desafios da agricultura camponesa brasileira, surge a necessidade de unificar o Movimento de Mulheres Camponesas a nível nacional. Processo, este, discutido e levantado entre os dias 21 a 24 de setembro de 2003, com a participação de 50 mulheres militantes/lideranças de 16 estados. Nesta ocasião, foi analisado, debatido e planejado então, o Congresso de Consolidação do

Movimento Autônomo de Mulheres Camponesas (MMC do Brasil), que ocorreu de 5 a 8 de março de 2004, em Brasília, e reuniu aproximadamente 1500 mulheres camponesas. Na ocasião foram então deliberadas ações, bem como a missão, princípios, simbologias e as lutas centrais do Movimento (abordaremos eles abaixo, na seção 3.2). (LORENZONI, SEIBERT e COLLET, 2020).

Nos anos de 2004 e 2005, o tempo foi dedicado para a reorganização interna seguindo as deliberações do MMC, mas, não deixando de lado os estudos para a compreensão das contradições presentes no campo. E nos anos seguintes, se reforçam cada vez mais as bandeiras de lutas, sempre cercadas de muito estudos e diálogos. (LORENZONI, SEIBERT e COLLET, 2020).

Para as camponesas, as lutas de gênero, de classe e de etnia/raça são inseparáveis. Elas se entrelaçam e têm sido assumidas por nós mulheres camponesas em todos os momentos e espaços, tendo em vista a construção do projeto democrático e popular para o Brasil. Entendemos que é preciso transformar as relações sociais de gênero que oprimem e discriminam, que não reconhecem o trabalho produtivo das mulheres no campo e nem o valor do trabalho reprodutivo, fundamental para manutenção do modo de vida camponês. É preciso transformar a sociedade, superar as relações capitalistas, patriarcais e racistas. (LORENZONI, SEIBERT e COLLET, 2020, p. 17-18).

E complementam, “evidenciamos que no processo histórico as mulheres enfrentam relações patriarcais nos diferentes espaços, com uma atuação firme em defesa da dignidade do trabalho, do conhecimento, dos saberes” (LORENZONI, SEIBERT e COLLET, 2020, p. 24). Em sua tese Gaspareto, nos fala que “no período de 2000 a 2004, por meio de um amplo trabalho de base em SC, assim como em outros estados do Brasil, o Movimento Autônomo de Mulheres do Campo foi ganhando força, fator constitutivo para a consolidação do MMC em nível nacional” (2017 p. 116). A autora traz também que “nesse período, em 2001, aconteceu em Porto Alegre o Fórum Social Mundial. A Via Campesina assumiu oficialmente a luta contra os transgênicos” (GASPARETO, 2017, p. 116). Internamente, dentro do Movimento, cresce o debate e a reflexão acerca do tema, e a autora relata que,

Em 2002, foi lançada a Campanha internacional da Via Campesina intitulada “Sementes Patrimônio dos Povos”. Como forma de simbolizar o processo de lutas que vinha sendo discutido em torno da necessidade de outro projeto de agricultura camponesa agroecológica no oeste catarinense, o MMC criou o Programa de Sementes Crioulas de Hortaliças, que, por intermédio de intercâmbios, passa a dialogar com outras experiências de mulheres de diferentes regiões do Brasil e do exterior (ADÃO, 2009 *apud* GASPARETO, 2017, p. 116).

A partir das formações sobre o tema “observamos que o conteúdo central sobre as sementes crioulas, práticas e valores vividos pelos antepassados estavam vivos na memória das mulheres” (GASPARETO, 2017, p. 116-117). E, a mesma autora complementa,

Com a implementação desse Programa, o Movimento buscou (re)significar e fortalecer as experiências como lutas de resistência. Fazem enfrentamento aos transgênicos. As sementes crioulas faziam parte da vida das mulheres. Estavam como que ocultadas pela invisibilidade social e política das mulheres, assegurando uma renda também oculta. Essas sementes, através de suas técnicas de guardar na terra, começaram desde então a ser trocadas pelas práticas dessas mulheres em movimento.

As mulheres camponesas em movimento começaram a estudar e a discutir sobre os modelos de desenvolvimento da agricultura. Assim, partindo do “território das mulheres”, fizeram enfrentamento com projetos do capital que repercutiu no pensar/fazer em seus espaços camponeses e rurais. É neste contexto e envolta a esses processos que começou ganhar maior expressão a questão da construção de saberes/conhecimento (GASPARETO, 2017, p. 117)

Ao estudar e ler sobre a construção do Movimento de Mulheres Camponesas, podemos observar que um novo modelo de agricultura se faz necessário, uma vez que este existente, advindo da Revolução Verde, centrado no monocultivo, no uso de semente geneticamente modificadas, fertilizantes sintéticos e agrotóxicos, não atende as necessidades básicas da população, pois traz consigo doenças e risco a segurança alimentar das pessoas, e portanto, não é essa, a herança que queremos deixar aos nossos descendentes.

Os conhecimentos sobre como fazer agricultura, sobre técnicas, sobre sementes, passados de geração em geração entre as famílias das mulheres, vão ao encontro de um novo modelo de agricultura, pautado no cuidado, no afeto, na troca em relação ao meio ambiente, ao planeta e as pessoas, modelo este, baseado na agroecologia, como reforçam, Lima e Pereira,

[...] a agricultura camponesa resiste frente a toda essa mercantilização da agricultura, através da agroecologia. A produção sustentável e agroecológica não é nova, vem sendo praticada e repassada de geração para geração, principalmente pelas mulheres, desde que existiu humanidade na face da terra (2020, p. 88).

É através das sementes, que as mulheres (re)significam suas práticas e buscam ressaltar a importância da agricultura camponesas, baseada na Agroecologia, bem como, ainda fazem delas uma forma de resistência e enfrentamento ao agronegócio (modelo atual de agricultura). Trataremos mais sobre as sementes crioulas na seção 3.3, em que abordaremos sobre os quintais produtivos.

3.2 OS SÍMBOLOS E AS BANDEIRAS DE LUTAS DO MOVIMENTO

A simbologia tem um papel importante dentro do Movimento, fato este, reforçado por Lorenzoni, Seibert e Collet, 2020, p. 22-23, quando afirmam que “a beleza das diferentes expressões da vida das mulheres, jovens e crianças camponesas, as místicas, as simbologias, as reflexões presentes no congresso revelaram comprometimentos e sonhos coletivos e individuais, abraçando e assumindo a missão do MMC”. E as mesmas autoras trazem na sequência a missão do Movimento, que é,

Lutar pela libertação das mulheres trabalhadoras de qualquer tipo de opressão e discriminação. Missão que se concretiza na organização, na formação, nas lutas e na implantação de experiências de resistência popular, onde as mulheres sejam protagonistas de sua história. Lutamos por uma sociedade baseada em novas relações sociais entre os seres humanos e deles com a natureza. (MMC, 2004, p. 3-4 *apud* LORENZONI, SEIBERT E COLLET, 2020, p. 23).

Essa bonita missão “cria identidade e unidade pela herança histórica das inúmeras mulheres lutadoras anônimas ou conhecidas de nossa ancestralidade, presente nas diferentes experiências entre as mulheres do campo” (LORENZONI, SEIBERT E COLLET, 2020, p.23). As mesmas autoras apoiadas em MMC, 2004, trazem que,

Deliberamos sobre os princípios do Movimento, como ser autônomo, democrático, popular, de classe, de luta, construtor de relações de igualdade e socialista (MMC, 2004). Também definimos como luta central a denúncia das maldades do sistema capitalista neoliberal, o machismo, e apontamos para outros modos de organizar a sociedade tendo no horizonte o socialismo, o que na vida das mulheres organizadas vai se concretizando em quatro frentes de lutas: a) no projeto popular de agricultura camponesa agroecológica e as políticas agrícolas, de reforma agrária para viabilizá-lo; b) na luta pela ampliação e garantia dos direitos sociais e políticas públicas de inclusão; c) na participação política da mulher na sociedade; d) na luta pelo projeto popular para o Brasil de soberania nacional. (MMC, 2004 *apud* LORENZONI, SEIBERT e COLLET, 2020, p. 23).

Já sobre seus símbolos, Barros, relata que,

Durante o Congresso Nacional, os princípios, valores e missão do MMC também foram definidos, assim como seus símbolos: uma bandeira única, o chapéu de palha, a cor lilás e o lenço lilás. O caráter camponês do Movimento também foi debatido durante o Congresso, trazendo a memória do significado político das Ligas Camponesas, reforçando o papel das unidades produtivas familiares e das mulheres dentro da produção de alimentos saudáveis e diversificados, (2018, p. 35-36).

A mesma autora ainda traz que,

Em âmbito nacional, o MMC está organizado em 23 estados, a partir da formação de grupos de bases em comunidades rurais, direções municipais, estaduais e coordenação nacional. Articulado a outros movimentos de mulheres e mistos, rurais e urbanos, de atuação nacional e internacional, trata-se do único movimento autônomo de mulheres no Brasil que compõe a Via Campesina e que, a partir da auto-organização das mulheres, reafirma o modelo de agricultura camponesa

agroecológica e feminista na luta em defesa da vida, contra o capital e o agronegócio. (BARROS, 2018, p. 36).

Como já citado anteriormente, é através das sementes que as mulheres (re)significam suas práticas e se aproximam da Agroecologia, que é a base do Projeto Popular da Agricultura Camponesas. São os conhecimentos passados de geração em geração que permitem que as camponesas reconheçam desequilíbrios e processos dentro de seus quintais/propriedades e com isso, busquem a melhor forma de intervenção no mesmo. Nesse sentido, Lima e Pereira, reforçam que,

[...] o conhecimento, perpetuado ao longo da vida, pertencente a nossas avós e mães, ressignificado e reelaborado na experiência de luta do MMC, agora é de posse e de responsabilidade das mulheres e suas famílias levarem adiante como práticas em nossas unidades de produção.

Neste debate, a agroecologia surge como uma ciência capaz de compreender as práticas desenvolvidas pelas camponesas ao longo do tempo. (2020, p. 92).

Com isso, para as camponesas, a Agroecologia é a integração entre seu modo de vida, a ciência e a prática cotidiana. Portanto, a Agroecologia é e deve ser construída diariamente em cada troca de conhecimentos e saberes (com)partilhados entre elas, objetivando a construção de sistemas de agricultura em que a biodiversidade ecológica e sociocultural seja potencializada. E essas práticas e saberes devem ser coletivas e não individuais. Lima e Pereira, trazem que,

Historicamente as mudanças da cultura humana podem ser explicadas com referência ao ambiente, ao mesmo tempo que as transformações do ambiente podem ser explicadas com referência à cultura humana. Através de estudos realizados a partir de uma perspectiva agroecológica, o trabalho desempenhado pelas mulheres camponesas em suas unidades de produção é de suma importância para o desenvolvimento do projeto de agricultura camponesa e agroecológica (2020, p. 92).

E complementa,

Neste sentido, algumas mulheres camponesas praticam a agricultura desde a base da agroecologia que trabalha numa perspectiva holística e sistêmica, na qual o ser humano não está separado da natureza e, portanto, toda sua prática deve estar voltada para garantir a sustentabilidade do sistema. Daí que, para o MMC, a agroecologia é compreendida como ciência e como modo de vida (LIMA e PEREIRA, 2020, p. 92-93).

Destacamos assim, a grande importância dos conhecimentos ancestrais guardados e difundidos pelas camponesas, como uma importante bandeira de luta pela produção diversificada de alimentos e preservação do meio ambiente. Lima e Pereira, 2020, p. 93, reforçam que,

A agricultura camponesa agroecológica está sendo amplamente difundida pelos movimentos e organizações populares como forma de resistência ao modelo de

agricultura capitalista. Portanto, é necessário reunir e divulgar as ações que estão sendo feitas. O MMC tem uma bagagem histórica tanto no resgate e multiplicação de sementes crioulas, na produção sustentável de alimentos e na utilização de plantas medicinais, quanto na busca e construção de relações de gênero, etnia e classe, entre outros. Este tem sido um desafio diário que continua porque há mulheres organizadas que se ajudam e se fortalecem.

Em suma, podemos dizer, que não há espaço para a Agroecologia, dentro do atual modelo de agricultura.

3.3 OS QUINTAIS PRODUTIVOS

Um ponto importante que devemos considerar quando nos referimos a alimentação, é o fato de, historicamente, ser função das mulheres, a produção e preparação de alimentos para consumo familiar. E isso, para as mulheres que participaram da pesquisa, acontece nos espaços denominados de quintais produtivos, pois como destacaram o principal objetivo da produção é o consumo familiar (os resultados da pesquisa, serão debatidos no próximo capítulo).

Portanto, produzir alimentos diversificados faz parte do dia a dia das mulheres camponesas. São elas que estão constantemente preocupadas com os alimentos que chegam aos seus familiares. E, nesse sentido, a preocupação não é somente com o prato final, mas também com todo o processo de produção e com a qualidade das sementes que são plantadas. Aqui vamos retomar novamente, alguns pontos da história do MMC, em especial, os ligados aos Quintais produtivos. Gaspareto, nos relata que “de 2004 a 2008, ao se constituir como MMC, o Movimento intensificou e ampliou as suas lutas [...] Constatamos uma intensificação do debate e da luta em torno do Projeto de Agricultura Camponesa, que tem no Programa das Sementes sua fonte principal” (2017, p. 117-118). Já para Boni, “o MMC então, exerce o papel de difundir um modelo de agricultura que prima pelo respeito ao meio ambiente, à terra, às pessoas, sejam as que estão cultivando os alimentos, sejam as que irão consumi-los” (2012, p. 228). E complementa, “o projeto de resgate de sementes crioulas de hortaliças permeia diversas esferas, como a da agroecologia, da segurança e da soberania alimentar” (BONI, 2012, p. 232).

Notamos que a partir das discussões realizadas sobre a produção de alimentos saudáveis, mais riqueza, fortalecimento e resistência foram sendo construídos pelas mulheres. Gaspareto, lembra que,

O Movimento sempre fora criticado por não perder seu vínculo em relação “aos alimentos” tratados inicialmente como – “chazinhos”, “miudezas”, ditos como “coisas de mulher”. Entretanto, quando tais temáticas se traduzem em pautas da Via

Campe sina, espaço reconhecido pelo universo masculino, isso se torna importante. Nesses espaços, as mulheres também se fazem e ali também se afirmam na diferença. (2017, p. 118).

Já Lorenzoni, Seibert e Collet, retomam que,

Uma demonstração do protagonismo das mulheres em processos de enfrentamento e de urgência, forjando caminhos em defesa da soberania nacional e políticas públicas para impulsionar a agricultura camponesa agroecológica, que teve sua expressão maior com a Campanha da Alimentação Saudável, a qual foi lançada no 8 de março de 2007, com objetivo de sensibilizar a sociedade para a produção dos alimentos saudáveis, diversificados e de qualidade e evidenciando o trabalho das mulheres. O lema “produzir alimentos saudáveis, cuidar da vida e da natureza” contribuiu para estabelecer diálogos com diferentes grupos sobre a importância da preservação da natureza, da água, das sementes crioulas, da biodiversidade e mostrar os impactos do modelo de produção capitalista do latifúndio, transgênicos, agrotóxicos e monocultivos nos aspectos ambientais, climáticos, sociais, políticos e econômicos. Nesta perspectiva, as mulheres camponesas estudam e ressignificam a forma de produzir. Recuperam o solo, as sementes crioulas, plantas e ervas medicinais, árvores nativas, frutíferas, flores, pequenos animais, além do artesanato e outros aspectos da cultura camponesa. O entorno da casa das mulheres camponesas ganha outra dimensão e se torna lugar de grande diversidade de saberes, tornando-se um espaço pedagógico e demonstrativo de construção de conhecimentos e de autossustento e renda. Esta prática de organizar o conjunto de produção diversificada e saudável é denominada pelas mulheres do MMC como quintais produtivos agroecológicos. (2020, p. 24-25).

Portanto, Quintais Produtivos é a experiência feita pelas mulheres que enfrentam o modelo de agricultura imposto pela Revolução Verde. Nos anos que se seguem, a retomada dos saberes e práticas permeia as formações, como nos aponta Gaspareto,

Entre 2008 e 2015, o Movimento retomou saberes e práticas, ressignificando-os, como o cultivo de sementes crioulas, plantas medicinais, alimentação saudável, quintais produtivos, bem como a luta contra a violência às mulheres, entre outros, na perspectiva feminista da vida camponesa (2017, p. 118).

Notamos que há uma grande preocupação em relação à preservação e resgate das sementes, uma vez que nelas há, guardada, uma riqueza imensurável. Boni, chama atenção, ao afirmar que,

Este modelo de agricultura camponesa proposto pelo MMC é sustentável, busca a agroecologia, a proteção do meio ambiente (elas tiveram formação sobre o Bioma Mata Atlântica para aprender a preservar e a recuperar áreas degradadas), e a recuperação não somente de variedades de alimentos como também de algumas tradições que foram se perdendo com a modernização da agricultura. Quando se referem a recuperar práticas antigas deixam claro que querem recuperar o que era bom no passado e não o que era ruim e elas conseguiram superar (pelo menos em parte), como o patriarcado (2012, p. 230-231).

Gaspareto, nos lembra que,

As sementes, os saberes produzidos e recuperados pelas mulheres camponesas são ressignificados e adquirem relevância visto que reportam aos acúmulos de ancestrais, reforçam perspectivas históricas, lembram diferentes sociedades,

explicitam culturas e identidades variadas, resistem às formas de dominação e criam alternativas para uma vida melhor, mesmo que, muitas vezes, sejam desqualificados e considerados inferiores por visões hegemônicas, patriarcais e eurocêtricas. Observamos que as práticas com sementes crioulas a partir das mulheres camponesas em seus territórios possibilitaram a elaboração de outros conhecimentos, outras concepções, [...] (2017, p. 131-132).

Com isso, Barros apoiada em Siliprandi, traz que,

Desde uma perspectiva feminista e agroecológica, os quintais produtivos têm demonstrado potencial de abrir espaços para que se questione essa invisibilidade e desvalorização do trabalho e produção das mulheres, que, antes chamada de “miudezas”, passa a ser as “grandezas” na perspectiva do feminismo camponês e popular. Trabalho este que vem permitindo a preservação de uma biodiversidade de plantas e de raças crioulas de animais, assim como de conhecimentos sobre preparo de alimentos, produção e uso de plantas medicinais, entre outros saberes, fazendo com que esse patrimônio não se perdesse com a difusão da “revolução verde” (SILIPRANDI, 2015, *apud* BARROS, 2018, p. 57).

Ainda utilizando como referência os escritos de Barros, apoiados em materiais produzidos pelo MMC, 2017 e Collet e Cima, 2015, a mesma afirma que,

Em suas publicações, o MMC compreende os quintais produtivos como um complexo sistema que combina espaços de produção, geralmente nos arredores da casa, como horta, pomar, horto medicinal, jardins, reflorestamento para lenha, podendo envolver, ainda, a criação e reprodução de animais de pequeno porte (aves, caprinos, ovinos, porcos) (MMC, 2017; COLLET; CIMA, 2015). Também fazem parte as instalações como cisterna para captação de água da chuva, galpão, dispensa e demais estruturas necessárias tanto para o processamento e armazenamento da produção, como para guardar ferramentas e insumos (repelentes e fertilizantes orgânicos, sementes etc.), sendo essas estruturas planejadas e construídas estrategicamente no terreno próximo às residências (*idem*).

Por agregarem uma diversidade de plantas, como hortaliças, medicinais e aromáticas (chás e temperos), frutíferas e flores, os quintais representam parte importante do autossustento e da renda do grupo familiar, sendo que o manejo e o planejamento da produção são majoritariamente coordenados pelas mulheres, podendo ou não envolver o trabalho das(os) filhas(os) e/ou marido (MMC, 2017). Além da organização e separação do que é necessário para o autossustento, as mulheres também encaminham o excedente dos alimentos colhidos para a comercialização, troca por outros alimentos ou doação para familiares e vizinhas(os) [...] (BARROS, 2018, p. 58)

Podemos então, compreender que,

Na experiência do MMC/SC, desde seus quintais produtivos, a recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas têm sido uma das maiores contribuições das mulheres camponesas para a preservação da biodiversidade, produzindo alimentos livres de agrotóxicos e acessíveis à sociedade, contribuindo com a luta pela soberania alimentar dos povos (BARROS, 2018, p. 63).

Falar sobre os Quintais Produtivos, é falar sobre a manutenção da vida, pois em um quintal não se cultiva somente a terra e os alimentos, mas sim, também, cultiva-se todas as formas de vida (solo, plantas, animais, fungos, microorganismos, seres humanos). O modelo

de agricultura camponesa e agroecológica, visa a qualidade da vida, pois tem a partir das suas práticas, a compreensão e respeito ao meio ambiente e ainda a preocupação de alimentar populações com alimentos seguros e diversos.

4 OS QUINTAIS PRODUTIVOS DAS MULHERES CAMPONESAS E A PERMACULTURA

Este capítulo tem por objetivo dialogar com os resultados obtidos nos questionários e fazer aproximações dos Quintais Produtivos das Mulheres do MMC/SC a Permacultura.

4.1 RELACIONANDO OS QUINTAIS PRODUTIVOS DAS MULHERES DO MMC-SC AOS PRINCÍPIOS DA PERMACULTURA

Iniciamos agradecendo as mulheres pela disponibilidade de responderem ao questionário (mesmo em meio a inúmeros compromissos dentro do Movimento) e assim, contribuírem para esta reflexão acerca das possíveis contribuições da Permacultura aos quintais produtivos. E ainda, esperamos poder, de certa forma, retribuir e cooperar com o melhoramento dos quintais.

Nossa reflexão se inicia pela pergunta feita às entrevistadas sobre como se deu o processo de implementação (construção) do seu quintal produtivo. Ao qual, elas relatam que desde pequenas já possuíam contato com o campo, muitas através do convívio com familiares, em especial, com suas mães, como aponta a E2 (entrevistada 2), “Sempre morei no campo, desde criança ajudava minha mãe na plantação. Sempre gostei de produzir comida de qualidade, cuidar das plantas, dos chás, dos animais”. Já para a E1 (entrevistada 1) e E5 (entrevistada 5), a identificação e implementação do quintal contou com um processo de observação, identificação e preparação dos espaços,

Identificamos como um quintal produtivo agroecológico. Iniciamos a implementação no ano de 2013. Anterior essa área fora utilizada para criação de animais (ovelhas e bovinos). Era toda coberta com grama, tipo braquiária. Primeiro processo foi o preparo do solo, adubação com esterco de animais, adubação verde, posterior, cultivo de árvores frutíferas, citros, laranja, (Champanhe, Umbigo, laranjinha doce), poncã, limão, montenegrina, abacate, ameixa de inverno, pêssego, Kiwi, bananas, araticum, cerejas, banana, nospecã, jabuticaba, árvores de sombra, etc. A área foi dividida em três partes sendo uma onde está a casa, galpão, galinheiro, jardim. Outra área, agrofloresta com criação de galinhas da variedade índio gigante. Outra área, a produção de alimentos para autoconsumo, amendoim, feijão, pipoca, olerícolas, milho, abóboras, morangas, melancias, tomates, pipoca, mandioca, batata doce, etc. Essa área é consorciada com cultivo de árvores, plantas medicinais, condimentares, e capim Cameron e capiaçu para o trato dos animais. Toda a área é cercada com telas. (Entrevistada 1).

Numa unidade de produção onde já tinha algumas frutíferas, plantas medicinais e um pouco de pastagem, fomos adaptando nosso quintal, preparando um espaço para os animais (vaca, bezerro, galinhas de angolas). Planejamos nossa casa e fomos

colocando novas frutíferas, flores e as plantações de alimentícias. Período de conhecer o solo e as reações de cada ser no espaço. (Entrevistada 5).

Aqui, podemos lembrar e associar a esses processos realizados pelas entrevistadas 1 e 5 (mesmo sem conhecer), alguns princípios da Permacultura, como: 1. Observe e interaja; 2. Capte e armazene energia; 3. Obtenha rendimento; 5. Use e valorize os serviços e recursos renováveis; 6. Não produza desperdícios; 8. Integrar ao invés de segregar; 9. Use soluções pequenas e lentas; 10. Use e valorize a diversidade.

Já a entrevistada 7, nos conta que seu quintal,

Partiu da vontade e necessidade de ter uma horta para produzir as verduras, chás e temperos para a alimentação. Primeiro pedi para o meu pai aonde eu poderia plantar minhas coisas, ele deixou só um pedacinho de terra bem pequeno, onde dava muita sombra, pude produzir mesmo sendo um espaço pequeno. Depois preparei outro espaço que ele não estava plantando, dessa vez um pouco maior e consegui fazer alguns cultivos de roça, horta, e medicinais. A horta era em espiral com 4 canteiros grandes, foi tudo preparado na inchada com muito esforço. Meu pai passou veneno na horta várias vezes, inutilizando o consumo de todas as verduras e plantas medicinais que resistiram, pra ele essas plantas diferentes eram inço. Esse atrito fez com que eu saísse da propriedade dos meus pais. Hoje alugo um espaço com minha companheira, onde plantamos de tudo, e temos um tratorito para facilitar o trabalho.

Ainda analisando a mesma pergunta, um ponto que merece destaque, é a participação das mulheres nas formações que ocorrem dentro do MMC, e como, essas formações contribuem na implantação, “através dos cursos de formação que participei pelo MMC”, conforme relata a entrevistada 4, bem como no melhoramento “ao longo dos anos. Já sempre se tinha um quintal, mas ao longo dos tempos, participando do MMC se foi melhorando esse quintal produtivo, mais variedades e diversidades. Melhorando as práticas de cultivo e manejo” (Entrevista 6). Além, claro, de proporcionar uma formação crítica a respeito da produção e distribuição de alimentos, conforme destaca,

Eu sempre tive a Horta pra produção das verduras e temperos, porém a partir de 2003, que junto às companheiras do MMC fizemos um projeto de recuperação, produção e melhoramento das sementes crioulas de hortaliças, sobre o qual tivemos a possibilidade de estudar muito sobre agroecologia e produção orgânica. Entendendo também a importância do nosso trabalho na produção de alimentos saudáveis. Foi aí que começamos a usar o termo de quintais produtivos, que é tudo aquilo que produzimos ao redor de nossas casas. (Entrevistada 3).

Quando comparamos o tamanho do quintal produtivo em relação ao tamanho total da propriedade, exemplificado no quadro 2 abaixo, podemos perceber que há produção em pequenas áreas, mas há também quintais que ocupam toda a propriedade.

Quadro 2 - Comparação área quintal e área total da propriedade

Entrevistada	Tamanho (área total) do quintal produtivo	Área total da propriedade
1	2 mil metros quadrados	2 mil metros quadrados
2	10 mil metros quadrado	170 mil metros quadrado
3	Olha eu nunca medi, pois o meu quintal ultrapassa os arredores da casa, pois lido também com uma AgroFloresta, em que produzimos muitas frutas, cereais, madeira -lenha e que considero parte do meu quintal. Além disso, temos açude pra ter o peixe, o espaço pros terneiros, as galinhas e os porcos que pra ser alto sustentáveis além das frutas, verduras e cereais, precisamos das proteínas.	25 ha
4	400 m ²	56 ha
5	2 ha	3 ha
6	1 ha, mais ou menos	24,8 ha
7	Na casa dos meus pais era de 20x20 e aqui onde alugamos é de 1 ha	Na casa dos meus pais eram 3 hectares.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Aqui vale destacar a fala da entrevistada 3, em que ela relata considerar toda a propriedade como seu quintal produtivo. Associamos a esta fala os seguintes princípios: 3. Obtenha rendimento; 8. Integrar ao invés de segregar; 10. Use e valorize a diversidade; 11. Use os limites e valorize o marginal. Cabe aqui, uma observação em relação a Entrevistada 7, de que mesmo ela não especificando a área total da sua propriedade atualmente, em outra pergunta, a mesma relata que todo terreno alugado é considerado quintal produtivo.

Outra pergunta feita às mulheres foi em relação à produção, ou seja, o que ela produz no quintal produtivo. Aqui, podemos notar uma imensa diversidade de alimentos, e para além de alimentos, também há produção de outros recursos essenciais para o bom funcionamento da propriedade. Vejamos o que relataram as mulheres no quadro 3 abaixo.

Quadro 3 - O que você produz no seu quintal?

Entrevistada	Produção do quintal
1	Árvores nativas - madeiras, de sombra e frutíferas, flores, plantas medicinais, ornamentais, condimentares e alimentícias, criação de pequenos animais, galinhas, bovinos.

2	Milho, feijão, arroz, pipoca, mandioca, batata doce, batatinha, cebola, alho, amendoim, melancia, melão, pepino, gergelim, hibisco, beterraba, cenoura, repolho, couve, feijão de vagem, tempero, verduras, chás, peixe, suíno, vaca de leite, bezerro, frutas - uva, laranja, pokan, maçã, pêssego, banana, maracujá, pêra, figo, abacate, Lima, vinho, vinagre, Chimia, abóbora, moranguinho, moranga, queijo, chuchu.
3	VERDURAS - alface, couve, rúcula, repolho, beterraba, cenoura, radiche, brócolis, acelga, pepino, vagem, temperos, algumas plantas medicinais. FRUTAS - amora, laranja, bergamota, limão, moranguinho, pêssego, banana. CEREAIS - arroz, feijão, ervilha, milho, pipoca, amendoim, além das abóboras e moranga cabutiá, melancia, alho, cebola, açafião, Quinoa, mandioca, batata doce, cará e batatinha PROTEÍNAS - carne de porco, salame, banha, carne de galinha, ovos, carne de gado e peixe. Sabão
4	Alho, Alface, Almeirão, mandioca, batata doce, Couve folha, Couve flor, Brócolis, repolho, beterraba, cenoura, feijão vagem, chás diversos, açafião, feijão, amendoim, pipoca, limão.
5	Temos porco para banha, salame, carne, torresmo, vaca para leite, queijo, nata, manteiga, ainda bezerro para carne, galinha para carne, ovos, angolas para controle de insetos, cachorro para espantar predadores como lagartos, raposas, gatos para controle dos ratos. Plantamos e cultivamos feijão, mandioca, batata, amendoins, pipoca, cana de açúcar, aboboras, melão, melancias, milho, cebola, alho, açafião, zedoária, adoçantes, melão de são caetano, capuchinha, quiabo, pepino, salsa, cebolinhas, pimentões, ora pro nóbis, baleeira, espinafre, chuchu, manjerona, sálvia, manjeriço, sálvia, erva luisa, cidreira, citronela, losna, alfazema, arruda, alecrim, alfavaca anis, hortelã, poejo, violeta, fáfia, canfora, anador, cana do brejo, melhoral, açafião do banhado, mulungu, sene, louro, calêndula, buchinho, pitanga, guabirova, cereja, sete capote, uvaia, guabiju, jabuticaba, jaraguatiá, pitaya, mandacaru, manga, jaca, nogueira, parraira, bergamota, laranja, limão, lima, pêssego, maçã, ameixa, nêspera, butiá, amoras, araçá, jerivá, fruta do conde, graviola, araticum, pera, caqui, romã, canela, ipês, pata de vaca, manacá, quaresmeira, cerejeira, palmeira real, almeira de jardim, aguai, flores como; coleus, roseiras, cabanrtus, tajetes, onze horas, antúrios, suculentas, omerocalis, lírios, palmas, ericas, caetés,....
6	Mandioca, milho, feijão, amendoim, abóbora, pepino, alface, almeirão, repolho, couve, dente de leão, alho, cebola, soja crioula, várias plantas medicinais, várias frutíferas - laranja, bergamota, limão, goiaba, abacate, ameixa, uva, melancia, melão.
7	Um pouco de tudo, produção de sementes, de alimentos e de ervas medicinais. Arroz, feijão, quiabo, melão, melancia, pimentão, pepino, berinjela, abóbora, abobrinha, milho, pipoca, amendoim, chia, gergelim, alho, cebola, ervilha, tomate, alface, repolho, cenoura, beterraba, ervas medicinais como camomila, calêndula, alecrim, stévia, arruda, cidreira, citronela, mudas de frutíferas e flores.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Observando a imensa variedade de produtos, novamente podemos associar alguns princípios, como: 3. Obtenha rendimento; 5. Use e valorize os serviços e recursos renováveis;

6. Não produza desperdícios; 8. Integrar ao invés de segregar; 10. Use e valorize a diversidade.

Sobre o destino final de toda esta produção diversificada, as mulheres relatam que ela é primeiramente para o consumo familiar e somente após isso, há venda ou troca dos excedentes. Vejamos, “principal destino é a produção para autoconsumo da família. O excedente da produção é feito vendas, trocas e doação para parentes” (E1). “Consumo doação e venda do excedente” (E2). “Maior parte é para autoconsumo, vendemos alguns excedentes” (E5). “Primeiro atender às nossas necessidades. Vendemos algumas coisas” (E6). A entrevista 7, ainda complementa que além da “alimentação saudável, conservas, venda de sementes, com algumas ervas produzimos sabonetes, oleatos e tinturas, e vendemos o excedente. Agora queremos nos dedicar mais à produção para comercialização, então devemos aumentar a produção. ” Aqui, cabe três princípios: 3. Obtenha rendimento; 6. Não produza desperdícios; 10. Use e valorize a diversidade.

Quando há venda de excedentes, em geral o que se comercializa são legumes, verduras, frutas, plantas ornamentais e medicinais, banha, melado e pães. Duas das entrevistadas, também produzem subprodutos a partir das plantas, sejam elas medicinais ou não, e os comercializam, como relatam, “vendemos plantas. Plantas medicinais aromáticas e ornamentais. Bem como alguns produtos derivados” (Entrevistada 6). Já a entrevistada 7, relata que vende “pimentão, pepino, abobrinha, alface, quiabo, tomate, melancia, melão. Usamos na produção dos sabonetes a calêndula, o alecrim e a camomila. ”

Em relação ao trabalho braçal realizado no quintal produtivo, todas relatam que são elas que realizam as obrigações laborais, mas contam com o apoio/ajuda dos companheiros/as e/ou filhas, bem como, fazem uso de algumas técnicas que podemos observar no quadro 4.

Quadro 4 - Técnicas utilizadas pelas mulheres nos seus quintais

Entrevistada	Técnica utilizada no quintal
1	Adubação do solo com esterco de animais, húmus de minhoca, adubação verde. Uso de caldas bordalesas, sulfocáustica, biofertilizantes, microrganismos eficientes EM. Consórcios, diversificação da produção através da prática da Agrofloresta e criação de pequenos animais.
2	Calendário lunar, adubação orgânica, repelentes naturais feitos de plantas medicinais
3	Princípios da agroecologia
4	Práticas orgânicas

5	Rotação de cultura, adubação verde e restos culturais, esterco dos animais, sementes crioulas, captação e aproveitamento da água das chuvas
6	Práticas agroecológicas
7	Consórcios agroecológicos, buscamos produzir em uma agrofloresta de estrato baixo, aonde algumas culturas como o capim kurumin são plantadas para fazer podas e manter a cobertura de solo. Também preparamos repelentes caseiros, fermentados para adubação e usamos microorganismos para garantir a nutrição e saúde das plantas. Não usamos nada de adubo químico nem veneno.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

As técnicas utilizadas nos quintais pelas mulheres, também são técnicas sugeridas para uso no planejamento permacultural, uma vez que otimizam o fluxo energético presente no sistema. E, temos novamente, alguns princípios associados a isso: 2. Capte e armazene energia; 3. Obtenha rendimento; 5. Use e valorize os serviços e recursos renováveis; 6. Não produza desperdícios.

No entanto, antes de fazerem uso das técnicas para facilitar a lida diária, foi preciso escolher e implementar as mesmas. Essa escolha foi feita após estudos realizados em sua grande maioria dentro dos encontros de formação promovidos pelo Movimento. Como podemos observar, “através da formação do Movimento de Mulheres Camponesas” (E2). “Através de cursos e troca de experiências” (E3). “Através das formações e pensando sempre em produzir alimentos sem agrotóxicos, desde que cultivo esse quintal produtivo” (E4). “Foi ao longo dos tempos. Através também de cursos feitos no MMC. Antigamente através de conhecimentos populares se usava bastante práticas agroecológicas” (E6). Outras mulheres, nos trazem mais detalhes,

A implementação das técnicas se deu pela formação em agroecologia, minha e do meu companheiro. Pelo processo de formação no MMC/SC na construção de um projeto de agricultura com princípios da agroecologia, pela consciência em produzir alimentos saudáveis sem uso de insumos químicos industriais. Primeiro fizemos um planejamento das técnicas e práticas que temos interesse e condições para aplicar em nossa pequena área e vamos implementando. Iniciamos sempre pelo preparo do solo, plantamos utilizando as sementes crioulas, preparamos algumas mudas, outras ainda necessitamos adquirir. Preparamos as caldas, enfim no processo produtivo vamos aplicando as técnicas e manejos. A implementação da Agrofloresta ainda está em processo de implementação, temos interesse em introduzir mais espécies de árvores. Temos como planejamento pra ser implementado o biodigestor, cisterna, de placas solares. (E1)

Fiz um curso de sistemas agroflorestais e adaptei os conhecimentos pra a nossa realidade. Os consórcios vieram da falta de espaço e necessidade de aproveitar ao máximo o espaço que tinha, muitos consórcios fui inventando e provando, outros aprendi de companheiras do MMC, outros pesquisei em trabalhos de pesquisa da Embrapa e trabalhos publicados nas universidades. As receitas de repelentes aprendi muitas em oficinas do MMC e na internet, todas da necessidade de lidar com formigas e insetos e de aumentar a diversidade de microorganismos no solo. (E7).

A entrevistada 5, relata também que “começamos usando o esterco, depois os restos culturais, usamos também plantas repelentes no meio das culturas, como arruda e tajetes no meio das verduras, preparamos alguns biofertilizantes”. Ressalto que neste caso, podemos associar os seguintes princípios: 10. Use e valorize a diversidade; 12. Responda criativamente às mudanças.

Quando questionadas sobre se conhecem a Permacultura, obtivemos as respostas sistematizadas no quadro 5 abaixo.

Quadro 5 - Permacultura para as Mulheres Camponesas

Entrevistada	Você já ouviu falar em Permacultura? / O que é permacultura para você?
1	Sim, já ouvi falar. Para mim a permacultura é um conjunto de técnicas e práticas, agrega os conhecimentos dos povos ancestrais, e atuais para o desenvolvimento de sistemas de produção mais produtivos e sustentáveis, aproxima o ser humano com a natureza.
2	Não sei
3	São plantas permanentes que se planta uma vez e ela continua produzindo.
4	Ouvi falar. Mas não sei explicar
5	Para mim, permacultura é uma combinação de plantas de diversos tamanhos em um lugar, onde se combinam os nutrientes e todas tenham acesso a água e luz, conforme sua necessidade. Na minha compreensão, o que fazemos em nosso quintal não é permacultura, e sim agricultura orgânica.
6	Sim, já ouviu falar. Entendo que é um sistema de trabalho a favor da natureza. Como as práticas agroecológicas.
7	Para mim são práticas integrativas que respeitam e nos integram com o meio ambiente.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Podemos notar que pelo fato do Movimento seguir na perspectiva da Agroecologia e ter a mesma como matriz produtiva e formativa em seu projeto popular de sociedade, e considerando as respostas do questionário, podemos inferir, que a Permacultura é entendida como componente da Agroecologia, sendo expressa em alguns casos, como um conjunto de técnicas e conhecimentos, e não necessariamente como uma ciência separada e em toda a sua complexidade, como alguns autores defendem.

Ao olharmos para os quintais produtivos das mulheres camponesas, podemos identificar conhecimentos da Permacultura aplicados, conhecimentos estes, entendidos no bojo da Agroecologia, que chegam pelas formações em Agroecologia do Movimento.

4.2 CONTRIBUIÇÕES DA PERMACULTURA AO MOVIMENTO

Refletir sobre as contribuições da Permacultura ao Movimento, em especial, aos quintais produtivos, é pensar em formas/maneiras de facilitar a vida diária das mulheres dentro dos quintais. Podemos notar que muitas das práticas utilizadas também fazem parte da proposta do Planejamento Permacultural. Outro ponto, é a preocupação com o auto sustento, seja da família, como também do quintal, fato este reforçado, quando as mulheres relatam que fazem uso de elementos presentes na propriedade, ou seja, evitam uso de fontes de energia externa e com isso, realizam a ciclagem na propriedade, ponto este, que na Permacultura, é visto como ponto chave do planejamento.

Anteriormente, em nossa escrita, relacionamos as respostas dadas aos princípios da Permacultura, e fomos dialogando com os resultados dos questionários. Quando pensamos nas éticas da Permacultura (cuidar da Terra, das pessoas e do futuro), elas também estão em todas as práticas diárias das mulheres no quintal produtivos, pois ao preservar as sementes, cultivar de forma orgânica e agroecológica, compartilhar excedentes, estamos diretamente lidando com o cuidado.

Como síntese podemos propor a organização dos quintais produtivos na perspectiva do planejamento permacultural, em especial, na organização por zonas, identificando os setores e elementos e organizando os mesmos de acordo com a necessidade de visitação a elas, ou seja, analisar quanta energia eu gasto (manejo) e quanto tempo eu levo (deslocamento/permanência) em cada espaço/zona. Podemos assim definir: Zona 0 = local em que passo a maior parte do tempo; Zona 1 = visita o diária; Zona 2 = Visita o 2 a 3 vezes na semana; Zona 3 - visita o ocasionalmente; Zona 4 = visita o sazonalmente e Zona 5 = visita o sob demanda.

Vamos descrever, com base nos dados recebidos da entrevistada 1, uma possibilidade de *design permacultural*, utilizando os elementos descritos nas respostas às questões. Pelo fato de estarmos em situa o de pandemia, a propriedade não pode ser visitada e observada *in loco*, por conta disso, não foram identificados e nem incluídos neste *design* os setores, bem como, não foi realizado o desenho/mapa da propriedade. Ficando assim, infelizmente, restrito a distribui o dos elementos nas zonas energéticas.

Zona 0 - Casa; jardim.

Zona 1 - Galinheiro; galpão; verduras e legumes; plantas medicinais; condimentares; olerícolas (alface, vagem, couve, tempero verde, tomate, pepino, repolho, couve flor, couve brócolis, beterraba, cenoura); flores (suculentas); ornamentais.

Zona 2 - Criação de animais (ovelhas e bovinos), Agrofloresta com criação de galinhas da variedade índio gigante; lavouras de: amendoim, feijão, pipoca, milho, abóboras, morangas, melancias, tomates, pipoca, mandioca, batata doce, etc.

Zona 3 = Árvores frutíferas: citros, laranja, (Champanhe, Umbigo, laranjinha doce), poncã, limão, montenegrina, abacate, ameixa de inverno, pêssego, Kiwi, bananas, araticum, cerejas, banana, noz pecã, jabuticaba; capim Cameron e capiaçu para o trato dos animais.

Zona 4 = Árvores de sombra; Agrofloresta.

Zona 5 - Cultivo de árvores; árvores nativas, madeiras: de sombra.

Outros elementos, que perpassam por todas as zonas: adubação do solo com esterco de animais; húmus de minhoca, adubação verde. Uso de caldas: bordalesa, sulfocáustica, biofertilizantes. Microrganismos eficientes - EM.

Elementos futuros a serem implantados: biodigestor, cisterna e placas solares.

Após a distribuição dos elementos pelas zonas energéticas, fica aqui, a vontade de finalizar este planejamento na propriedade.

5 CONCLUSÃO

Concluimos este trabalho, refletindo a partir das palavras de Gaspareto e Collet, sobre a grandiosidade da história do Movimento de Mulheres Camponesas,

Não há como negar: “a luta pela libertação da mulher é obra da própria mulher”. A libertação se alcança na luta. O cotidiano de nossas vidas é sempre uma batalha entre o conformismo e a resistência. Quem luta se liberta, abre perspectiva, dá passos e reafirma a história como um campo de possibilidades. Como podemos perceber, o empenho das mulheres agricultoras cresceu, fortaleceu e deu frutos.

O trabalho de base, o estudo e a disposição para lutar, transformaram essas bravas guerreiras agricultoras dos anos de 1980 que, com um pé na história e memória de nossas antepassadas, em cujas raízes estão as indígenas, as afrodescendentes, as caboclas desde as ligas camponesas ao Contestado, o outro pé moldando, no mundo contemporâneo, o firme posicionamento das mulheres que tomam forma de camponesas, congregando entre si a agricultora, camponesa, sem-terra, pescadora artesanal, a quebradeira de coco, as extrativistas, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, boias-frias, diaristas, parceiras, acampadas e assalariadas rurais e indígenas, entre outras, que por sua vez colocam os alicerces do esperar de um novo sujeito social em nosso país: o Movimento hoje conhecido como Movimento de Mulheres Camponesas (MMC). (GASPARETO e COLLET, 2021, p. 595).

A/s história/s das mulheres participantes do Movimento é marcada por constantes lutas, estudos, reflexões e resistências. O berço formativo do MMC não é a Permacultura, mas sim a Agroecologia, no entanto, a partir deste trabalho, é possível desenvolver reflexões e análises a partir das práticas das mulheres camponesas nos quintais produtivos, identificando conhecimentos da Permacultura, visando com isso, construir um aporte teórico para futuros diálogos com as mesmas.

Retomando nossa hipótese inicial, podemos reconhecer na prática diária das mulheres os princípios e as éticas da Permacultura, entrelaçados com às vivências cotidianas nos seus quintais produtivos, ainda que, não assim identificadas como sendo ligadas à Permacultura pelas mulheres. O cuidado com as sementes, com o produzir alimentos de qualidade e a conscientização em relação ao meio ambiente são pautas defendidas tanto pelo Movimento como pela Agroecologia e também pela Permacultura.

Nosso objetivo geral neste trabalho, era identificar e refletir sobre as contribuições da Permacultura aos quintais produtivos no Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina e a partir dele, definimos alguns objetivos específicos como: caracterizar a Permacultura, éticas e princípios; caracterizar o Movimento das Mulheres Camponesas em Santa Catarina e suas lutas; contextualizar os quintais produtivos e identificar as práticas e técnicas utilizadas nos mesmos, por mulheres de Santa Catarina; identificar possíveis contribuições da Permacultura aos quintais produtivos, e sugerir uma proposição de um

design permacultural possível à realidade das mulheres camponesas. Em relação aos objetivos, não conseguimos concluir com êxito o último, uma vez que fatores externos (pandemia) limitaram a realização completa da atividade proposta (identificação dos setores e mapeamento da propriedade). No entanto, fica como possibilidade de continuidade deste trabalho, a construção (finalização) de um *design permacultural* aplicado a um quintal produtivo.

Destaco que a Agroecologia dentro do Movimento é vista como uma ciência e também como um modo de vida. Como ciência, seu papel fundamental é na construção das bases teóricas do Movimento, a partir do conhecimento tradicional camponês, legitimando o “modo de fazer”, ou seja, o modo de produzir alimentos. Já como modo de vida, ela tem sua contribuição nas experiências vivenciadas na agricultura cotidianamente, o que possibilita que mudanças no jeito de fazer, viver e ser, sejam possíveis.

O papel da mulher na construção e continuação da agricultura camponesa envolve gerar, cuidar e zelar, sendo que a luta pela terra, pelo acesso as sementes e pela soberania alimentar são bandeiras de lutas centrais dentro do Movimento. E, aqui está uma possível contribuição do Movimento a Permacultura, a luta social em todos os aspectos.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Eliane Aparecida de Almeida. **Mulheres camponesas e seus quintais agroecológicos**: diálogo de saberes em defesa da vida. 2018. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2018.
- BONI, Valdete. **DE AGRICULTORAS A CAMPONESAS**: o movimento de mulheres camponesas de Santa Catarina e suas práticas. 2012. 253 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100720/310923.pdf?sequence>. Acesso em: 22 abr. 2022.
- COLLET, Zenaide; BERNARTT, Maria de Lourdes; PIOVEZANA, Leonel. **MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS**: os quintais produtivos como práticas pedagógicas. 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21217_10533.pdf. Acesso em: 30 nov. 2021.
- COLLET, Zenaide; GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth. **OS QUINTAIS PRODUTIVOS NO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS (MMC/SC)**: traços de uma economia feminista camponesa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 12, 2021, Florianópolis. **Anais Eletrônicos**. Florianópolis, 2021, Issn 2179-510X, 2021. p. 1-12. Disponível em: https://www.en.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1610964590_ARQUIVO_f6bef31e07b5ecdff1ed3fa824de559c2.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.
- FAGUNDES, Leandro Feijó; COSTA, Fernando Campos. Permacultura. In: DIAS, A. P.; STAUFFER, A. de B.; MOURA, L. H. G. de; VARGAS, M. C. **Dicionário de Agroecologia e Educação**. São Paulo: Expressão Popular, Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021.p.552 - 559.
- GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth. **A construção de saberes no movimento de mulheres camponesas**: uma análise a partir do programa de sementes crioulas no oeste de Santa Catarina - Brasil. 2017. 242 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/1720>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth; COLLET, Zenaide. Mulheres Agricultoras: do silêncio à constituição do movimento autônomo de mulheres camponesas. In: ROCHA, Humberto José da; TEDESCO, João Carlos; MYSKIW, Antonio Marcos (org.). **História dos Movimentos Sociais de Luta pela Terra no Sul do Brasil (1940-1980)**. Passo Fundo: Acervus, 2021. p. 571-598.
- HENDERSON, Danielle Freitas. **Permacultura: as técnicas, o espaço, a natureza e o homem**. 2012. 87 f. Monografia (Bacharel) - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3408/1/2012_DanielleFreitasHenderson.pdf. Acesso em: 24 abr. 2022.

HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. Tradução Luzia Araújo. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013. 44p. Disponível em: <https://biowit.files.wordpress.com/2010/11/livreto-permacultura-1.pdf>. Acessado em 20 abril 2022.

LIMA, Clara Regina Medeiros de; PEREIRA, Glaciene Vareiro. Agricultura camponesa e agronegócio: mulheres em resistência. In: MEZADRI, Adriana Maria; CIMA, Justina Inês; TABORDA, Noeli Welter; GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth; COLLET, Zenaide (org.). **Feminismo Camponês Popular: reflexões a partir de experiências no movimento de mulheres camponesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2020. p. 87-97.

LORENZONI, Carmen; SEIBERT, Iridiani Gracieli; COLLET, Zenaide. Movimentos de Mulheres Camponesas: veredas de muitas histórias. In: MEZADRI, Adriana Maria; CIMA, Justina Inês; TABORDA, Noeli Welter; GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth; COLLET, Zenaide (org.). **Feminismo Camponês Popular: reflexões a partir de experiências no movimento de mulheres camponesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2020. p. 13-31.

MMC. Movimento de Mulheres Camponesas. **Jovem camponesa: gênero, produção de auto-sustento e renda**. Santa Catarina, 2006.

MOLLISON, Bill; SLAY, Reny Mia. **Introdução à Permacultura**. Tradução de André Luis Jaeger Soares. Brasília: MA/SDR/PNFC, 1998, 198p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/199851>. Acesso em 20 fev. 2022.

NÚCLEO DE ESTUDOS EM PERMACULTURA DA UFSC. **O que é permacultura?** Disponível em: <https://permacultura.ufsc.br/o-que-e-permacultura/>. Acesso em: 23 de abril de 2022.

SANTOS, Geneci Ribeiro dos; CIMA, Justina Inês; BONI, Valdete. Quintais produtivos: a experiência do movimento de mulheres camponesas em Santa Catarina. In: CINELLI, Catiane *et al* (org.). **MULHERES CAMPONESAS: semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia**. Porto Alegre: Rede Unida, 2018. p. 113-132.

ZIMMERMANN, Andrea; JACINTHO, Cláudio; RACHID, Fernanda; PADOA, Luiza. **Introdução à Permacultura**. IPOEMA – Instituto de Permacultura: Organização, Ecovilas e Meio Ambiente. Brasília, 2015.

APÊNDICE A – Formulário online com as perguntas.

Olá Companheiras.

Espero que todas estejam bem.

Me chamo Kelli Buss e estou desenvolvendo meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: A Permacultura e os quintais produtivos das Mulheres Camponesas em Santa Catarina, dentro do curso de PósGraduação Lato Sensu em Permacultura, ligado ao Departamento de Educação do Campo, no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Esse formulário tem por objetivo levantar dados ligados aos quintais produtivos e analisar as possíveis contribuições da Permacultura aos mesmos. Por isso, é muito importante que respondam a todas as perguntas.

Agradeço desde já, pela sua disponibilidade em participar da minha pesquisa. 🌱🌻

OBS: Será enviado via e-mail e/ou telefone, as respostas do formulário e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

QUESTIONÁRIO:

1 - Sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Você:

- () Concordo em participar da pesquisa.
- () Não concordo em participar da pesquisa.

IDENTIFICAÇÃO

2 - Nome Completo:

3 - Telefone e/ou e-mail:

4 - Município onde reside:

5 - Tempo de participação no Movimento de Mulheres Camponesas:

SOBRE O SEU QUINTAL PRODUTIVO

6 - Como foi o processo de implementação (construção) do seu quintal produtivo?

7 - Qual tamanho (área total) do seu quintal produtivo?

8 - Qual tamanho (área total) da propriedade, onde o quintal está inserido?

9 - O que você produz no seu quintal?

10 - Qual a destinação da produção do quintal? Há venda de excedente?

11 - Se há venda de excedentes. O que é vendido do quintal?

12 - Quem trabalha no quintal?

13 - Qual/is a/as técnica/s e práticas que você utiliza no seu quintal produtivo?

14 - Em relação às técnicas utilizadas em seu quintal, como se deu o processo de implementação da/s mesma/s?

15 - Você já ouviu falar em Permacultura? O que é Permacultura para você?

Além das perguntas, gostaria se possível, que a senhora pudesse me enviar:

- Registros fotográficos do seu quintal.

- Mapa da propriedade, identificando o quintal e os cultivos no mesmo.

Desde já agradeço 🌱🌱🌻🌻

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)****QUESTIONÁRIO VIRTUAL**

Pesquisa: A Permacultura e os quintais produtivos das Mulheres Camponesas em Santa Catarina

Nome da pesquisadora responsável: Marília Carla de Mello Gaia (UFSC).

Equipe de pesquisadores: Kelli Buss (UFSC); Marília Carla de Mello Gaia (UFSC).

Você está sendo convidado/a a participar como voluntário/a de uma pesquisa que tem como objetivo analisar as possíveis contribuições da Permacultura aos quintais produtivos das mulheres organizadas pelo Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina (MMC/SC). Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante. Por favor, leia com atenção e se houver perguntas antes ou mesmo depois de aderir a este termo, você poderá esclarecê-las com as pesquisadoras.

Você tem a plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase de execução da pesquisa, sem qualquer prejuízo ou penalização. Caso ao longo da pesquisa você queira retirar seu consentimento, basta solicitar por e-mail e/ou contato telefônico para a pesquisadora responsável que suas informações serão imediatamente removidas.

Este estudo é importante porque os resultados fornecerão informações para uma análise sobre as contribuições da Permacultura aos quintais produtivos de mulheres camponesas organizadas pelo MMC. Sua participação se dará por meio do recebimento de um formulário eletrônico com um roteiro de perguntas relacionadas à temática, incluindo o envio de fotos e mapas da propriedade (sem a identificação de pessoas nas mesmas). O preenchimento do formulário tem previsão média de duração de 10 a 15 minutos e será previamente disponibilizado por meio de acesso a link online e em comum acordo entre as partes. Haverá sistematização das informações obtidas e posterior envio para sua autorização da utilização integral ou parcial da mesma. Apenas a equipe de pesquisadores terá acesso a estes registros.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para você são: qualquer tipo de desconforto, tais como cansaço, aborrecimento, ansiedade ou outras alterações. Se julgar necessário, você dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-lo na tomada de decisão livre e esclarecida. Caso ao responder as questões deste formulário, você vier a sentir constrangimento, timidez ou sensação de ansiedade pelo tempo dedicado, conteúdo envolvido, utilização da plataforma virtual, você poderá desistir de respondê-la a qualquer momento, comunicando a desistência às pesquisadoras, sem prejuízos.

Esta pesquisa possui como benefícios a geração de dados sobre a realidade das populações do campo, em especial da agricultura familiar, com vistas a socializar a situação, trazendo subsídios concretos para elaboração de possíveis estratégias de melhoramento dos quintais produtivos e de políticas públicas de enfrentamento à condição existente e à situação das mulheres camponesas.

Você tem direito ao sigilo e à confidencialidade das informações prestadas e a garantia de que sua identidade não será divulgada. Caso você queira que sua identidade seja divulgada ou que alguma informação fornecida não seja tratada de forma pública, deverá comunicar por e-mail e/ou contato telefônico para a pesquisadora responsável, e sua solicitação será respeitada. A equipe de pesquisadoras se compromete a utilizar as informações obtidas somente conforme os objetivos da pesquisa. Nenhuma informação coletada será fornecida a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadoras.

Você tem a garantia de receber toda assistência e acompanhamento necessários e direito a ressarcimento e indenização diante de eventuais despesas e danos comprovadamente decorrentes da pesquisa. A equipe se compromete a divulgar os resultados da pesquisa em formato acessível aos envolvidos.

Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável:

Profa. Marília Carla de Mello Gaia, Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC; endereço residencial: Rua Moinho Rio Vermelho, 31, casa A, bairro São João do Rio Vermelho, Florianópolis/SC, CEP: 88060-318; correio eletrônico: marilia.gaia@ufsc.br; telefone: (48) 99920-1111.

Em caso de dúvidas, denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa

com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC. O CEPSH visa garantir a integridade dos interesses dos participantes e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC; Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa, Prédio Reitoria II, Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400; correio eletrônico: cep.propesq@contato.ufsc.br; telefone: (48) 3721-6094

Consentimento livre e esclarecido

Após ter recebido todas as informações que julguei necessárias sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, eu, voluntariamente, aceito participar desta pesquisa. Concordo com tudo que está escrito acima e dou meu consentimento. Declaro estar recebendo uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será enviado ao e-mail cadastrado, SENDO RELEVANTE QUE VOCÊ GUARDE EM SEUS ARQUIVOS ESTE DOCUMENTO.

Nome do participante: _____

Florianópolis, 16 de março de 2022.

Responsabilidade do/a Pesquisador/a:

Asseguro ter cumprido as exigências da Resolução CNS 466/12, bem como da CNS 510/16 e CNS 304/2000 na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Florianópolis, ____ de março de 2022.

Marilia C. M. Gaia
Pesquisadora responsável

Kelli Buss
Pesquisadora